R
O Luzeiro
1º QUADRIMESTRE DE 1995
roberto

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL
O LUZEIRO - PRIMEIRO QUADRIMESTRE DE 1995

SUMÁRIO

UNIDADE I - PERSONAGENS DA BÍBLIA

Lição 1 - Abraão, o Pai da Fé
Rev. Júlio Paulo Tavares Zabatiero - Seminário Teológico de Londrina - PR

Lição 2 - Sara, aprendendo a sorrir
Rev. Abival Pires da Silveira - Primeira IPI de São Paulo - SP

Lição 3 - Moisés, a capacitação vem de Deus
Autoria coletiva: Levi, Mamédio, Jovino, Felipe e Antenor - Quarta IPI de Maringá-PR

Lição 4 - Rute, vivendo uma amizade solidária
Autoria coletiva: Marlene, Maria Moro, Iraci, Adélia, Margarida, Suleide e Aparecida - Quarta IPI de Maringá - PR

Lição 5 - Barnabé, um homem comprometido com a vida
Rev. Marcos Alves dos Reis - IPI de Campo Grande - RJ

UNIDADE II - APRENDENDO SOBRE A ARTE DA LIDERANÇA

Lição 6 - Liderança: uma perspectiva bíblica e teológica
Rev. Luiz Henrique Solano Rossi - IPI de Cornélio Procópio - PR

Lição 7 - Modelos de Liderança Jovem na Bíblia
Rev. Luiz Henrique Solano Rossi - IPI de Cornélio Procópio - PR

Lição 8 - Qualidades do Líder Cristão
Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi - Quarta IPI de Maringá - PR

Lição 9 - Funções do Líder Cristão
Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi - Quarta IPI de Maringá - PR

UNIDADE III - TEMAS TEOLÓGICOS

Lição 10 - Jesus, o Filho de Deus
Rev. Mário Ademar Fava - Assessoria Jurídica do Supremo Concílio

Lição 11 - Jesus, o Filho do Homem
Rev. Gérson Correia de Lacerda - Primeira IPI de São Paulo - SP

Lição 12 - O Espírito Santo renova a criação
Rev. Orlando E. Costas

Lição 13 - O Espírito Santo renova a humanidade
Rev. Orlando E. Costas

UNIDADE IV - QUESTÕES DA JUVENTUDE

Lição 14 - O jovem diante dos fatalismos
Rev. Abival Pires da Silveira - Primeira IPI de São Paulo - SP

Lição 15 - Jovens cristãos num mundo violento
Rev. Leonildo Silveira Campos - Seminário Teológico de São Paulo - SP

Lição 16 - Suportando uns aos outros
Rev. Leonildo Silveira Campos - Seminário Teológico de São Paulo - SP

Lição 17 - Angústia: um pouco de cada um de nós
Rev. Derly Jardim do Amaral - Seminário Teológico de São Paulo

Lição 18 - Cristo e o Sofrimento Humano
Rev. Gérson Correia de Lacerda - Primeira IPI de São Paulo - SP

O LUZEIRO - Revista de Educação Cristã para Escola Dominical - classes de jovens / Ano 13 - núm. 01 (LU-037) / Primeiro Quadrimestre de 1995 / Produzida pela Secretaria de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e editada pela Associação Evangélica Literária Pendão Real - Rua Nestor Pestana, 106 - Fone (011) 257.4847 - CEP 01303-010 - São Paulo, SP / **Colaboraram nesta edição**: Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi (coordenação) / **Capa:** Roberto Almenara de Freitas / **Projeto Gráfico, Composição e Revisão**: LZ Editores - Tel. (051) 361-2507.

APRESENTAÇÃO

Hoje iniciamos um novo ano. Um ano cheio de novidades. Cremos num Deus que deseja realizar gestos novos em nosso meio e desencadear um novo jeito de ser e viver a vida cristã como jovens. Ao longo do ano vamos permitir que o próprio Deus esteja nos orientando em nossa caminhada cristã. Por isso, estudaremos quatro temas diferentes durante o ano. Cada quadrimestre nos levará a pensar, avaliar e assumir novos compromissos com a vida do Pai e com a Igreja na qual Ele nos colocou.

No primeiro mês estaremos conversando com vários personagens que marcaram a história bíblica. Abraão, Sara, Moisés, Rute e Barnabé nos trazem vários modelos de fé e de comportamento. Eles são como bússola, norteiam e dão direção à nossa espiritualidade.

Vivemos uma crise de liderança. Hoje, mais do que nunca, é necessário treinar e equipar novos irmãos e irmãs a fim de assumirem, em suas respectivas igrejas, funções de liderança. Muitos jovens possuem um grande potencial, mas não sabem como utilizá-lo. Como crescer na arte da liderança? Como ser um líder segundo o coração de Deus? Qual a melhor forma de exercer a liderança?

O terceiro mês nos coloca diante de dois temas teológicos de grande importância: Jesus Cristo e o Espírito Santo. Hoje, mais do que em qualquer outro tempo, precisamos ter clareza sobre o significado de Jesus e do Espírito Santo para as nossas vidas e para a edificação e missão da Igreja.

Já no quarto mês nos voltaremos para as questões que envolvem a juventude. São diversas as situações complexas que circundam o dia-a-dia da juventude. Muitas delas se apresentam a nós em forma de crise. Todavia, é preciso desintalar as crises, e vivê-las sempre a partir do projeto de Deus para a juventude.

Deus tem um plano maravilhoso para nós neste ano. Vamos, juntos, numa grande caminhada, ao seu encontro.

Não se esqueça de que a revista é *nossa*. Por isso, qualquer sugestão, ou crítica, nos escreva. Contamos com a sua ajuda.

Um forte abraço, no Senhor Jesus!

Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi - Coordenador
C. Postal 118 - 87020-090 Maringá-PR; (044) 224-4378

Lição 1

ABRAÃO, O PAI DA FÉ

OBJETIVOS:

1. Refletir sobre o significado da fé crista autêntica;

2. Sermos desafiados a seguir o exemplo de nosso pai na fé, Abraão;

3. Comparar as características da fé cristã bíblica com as características da fé "cultural".

Lição 11

JESUS, O FILHO DO HOMEM

OBJETIVOS:

1. Mostrar que o título "Filho do Homem" foi o preferido de Jesus para se referir à sua própria pessoa, mas que, apesar disso, deixou de ser utilizado e estudado pela Igreja.

2. Analisar os significados do título "Filho do Homem", tendo em vista sua origem no Antigo Testamento e seu emprego pelo próprio Senhor Jesus.

3. Indicar como o título "Filho do Homem" pode servir para orientar a Igreja na sua atuação no mundo de hoje, bem como para estimulá-la a ser fiel, apesar das provações.

INTRODUÇÃO

A vida de Abraão é cheia de episódios ricos de significado espiritual. Vemos, nele, um ser humano normal, uma pessoa comum, cuja fé em Deus não o colocou em um pedestal celeste - mas o manteve ao nível do chão, da história, da humanidade. Vemos em Abraão as lutas, as angústias, as derrotas e as vitórias típicas da vida de quem crê em Deus. Por isso ele é chamado, por Paulo, de o "nosso pai na fé", porque ele foi o primeiro a ter relatada a vida de fé como modelo para todos os demais.

Nesta lição queremos destacar três características da fé abraâmica, conforme as encontramos em Gênesis 12:1-4, no início da carreira de Abraão, em resposta ao chamado de Deus para a sua vida.

UMA FÉ INTELIGENTE

Abraão vivia em uma região povoada por inúmeros "deuses". Historiadores da religião afirmam que na Mesopotâmia antiga - onde ficava a terra dos caldeus - acreditava-se em mais de dois mil deuses! Havia deuses para todos os gostos, todas as necessidades, todos os desejos. Em meio a tantos deuses e tantas vozes celestes, Abraão discerniu a voz do Deus verdadeiro - do único vivo e verdadeiro Senhor do Universo. Certamente isto não foi fácil para Abraão. Como discernir o Deus verdadeiro entre tantos deuses e ídolos? Como escutar a voz do Criador, em meio a tantas vozes e ruídos enganadores?

PARA MEDITAR
Leia Gênesis 11:26-32 e reflita sobre a importância da família no desenvolvimento da fé.

O nosso texto básico não explica como isto aconteceu. O capítulo 11, porém, sugere que Abraão aprendeu a discernir com o seu pai. A fé em Deus-Javé não nasceu com Abraão. Ele a aprendeu de seus ancestrais, em casa, no aconchego do lar. Pertencia a uma família que, em meio a tanta idolatria, sabia manter firme a sua fé em um Deus aparentemente fraco e estranho. Um Deus que fora incapaz de lhes dar prosperidade em sua própria terra, ao ponto deles terem tido de emigar, a fim de tentar a vida em um novo lugar. Apesar disso, porém, a família de Abraão soube perseverar na fé. Aprendeu que Deus não é conforme os nossos sonhos e

desejos. Deus é como Ele mesmo se revela a nós, e não como nós gostaríamos que ele fosse.

Como Abraão, vivemos em um mundo povoado de ídolos - alguns são chamados de deuses, outros não - todos, porém, nos querem alcançar com suas vozes sedutoras e mentirosas. Vivemos em um tempo em que, desesperadamente, a fé precisa ser inteligente. Precisamos de uma fé capaz de discernir entre a voz de Deus e as vozes dos ídolos. Precisamos de uma fé enraizada no conhecimento de Deus e de Sua Palavra, e não nas emoções e experiências passageiras da vida. De fato, há espaço na vida cristã para experiências com Deus. Entretanto, elas não podem ocupar o lugar do conhecimento íntimo e fiel de Deus.

TAREFA

Leia Oséias 4:1-6 e aliste as características de uma fé ignorante, comparando-as com as características da fé inteligente. Debata, com a classe, sobre a relevância e a aplicação deste texto bíblico para a vida da juventude atual.

UMA FÉ CORAJOSA

Além de inteligente, a fé abraâmica é fé corajosa. Ao ser chamado por Deus, Abraão recebeu o mandato de romper com todos os laços familiares e econômicos, e ir a uma terra desconhecida. Abraão foi chamado a uma viagem sem rumo e sem mapa. Como obedecer a uma ordem tão estranha e inusitada? Como poderia Abraão abandonar seu lar, sua terra, seus parentes, seu trabalho e se arriscar numa jornada sem destino definido, baseado apenas na promessa de Deus?

Aí está a marca essencial da fé inteligente. É corajosa, pois percebe que o Deus vivo e verdadeiro é mais importante e valioso do que os ídolos e as coisas que nos dão segurança na vida. Crer em Deus é optar por Ele, contra tudo o mais - mesmo que sejam coisas boas e necessárias à vida diária. A pessoa de fé sabe enfrentar riscos, assumir desafios, e portar-se corajosamente diante do novo e desconhecido - fundamentada apenas na promessa de Deus. Toda a vida de Abraão mostra essa característica de sua fé. Em particular, ao colocar seu filho Isaque no altar sacrificial, Abraão demonstrou a coragem de crer nas promessas de Deus! Quem de nós seria capaz de obedecer a uma ordem tão "ímpia"?

Nossa sociedade, com sua ideologia capitalista, nos ensina diariamente a colocarmos nossa confiança no dinheiro, no *status*, nas certezas do "mercado". Nada melhor do que uma boa "poupança" para garantir o futuro. Uma frase tão inocente, mas, ao mesmo tempo, tão mentirosa! Somente Deus pode garantir o

futuro do ser humano. É típico da fé "cultural" basear-se no visível, no costumeiro, no palpável. A fé bíblica, porém, baseia-se no invisível, no inusitado, no intocável. Não é assim que o autor de Hebreus define a fé? Certeza do que se espera, confiança no que não se pode ver? (Hb 11:1) Viver por essa fé é muito difícil. Na verdade, é impossível. Mas, o que é impossível para homens, é possível para Deus.

TAREFA

Estude Lucas 9:57-62 e debata, com a classe, sobre os riscos da fé em Jesus Cristo. Aplique o texto à caminhada da juventude de nossa Igreja.

UMA FÉ SOLIDÁRIA

Por fim, reflitamos sobre a solidariedade inerente à fé abraâmica. Abraão foi chamado para receber a bênção de Deus - com os riscos próprios das promessas de Deus - mas, principalmente, para *ser* bênção para todas as famílias da terra. A fé verdadeira, no Deus verdadeiro, não pode sr egoísta, interesseira, acumuladora. Quando o seu sobrinho começou a se tornar um problema para ele, Abraão tomou uma decisão altruísta, solidária. Não levou em consideração os seus direitos apenas, mas levou em consideração a bênção que poderia transmitir a Ló e sua família (Gn 13:1-13). Começando em casa, Abraão cumpria a vocação divina de ser instrumento de bênção para todos os povos. Os seus descendentes, porém, não seguiram em seus passos...

Crer em Jesus Cristo implica em sermos como Ele, em crermos no Pai como Ele, Jesus, creu. Como Abraão, Jesus teve uma fé solidária. Não considerou seus direitos divinos, e aceitou encarnar-se e tornar-se escravo até a morte de cruz. Em sua vida terrena, não buscou o conforto e a segurança, mas optou por uma vida de serviço e compaixão. Em sua ressurreição, não abandonou os discípulos que o haviam abandonado, mas foi solidário com eles até o fim.

Muitos, hoje em dia, preferem uma fé "capitalista", a fé do "me dá, me dá", uma fé egoísta, voltada para o conforto e a acumulação de bênçãos e bens. É uma fé "cultural", idolátrica - pois é atitude típica do capitalismo acumulador e individualista. Mesmo nas Igrejas Evangélicas, há muita gente que pensa crer em Deus, mas crê em ídolos, crê em Mamom. Sem solidariedade, não há fé verdadeira, pois a "fé atua pelo amor" (Gl 5:6).

CONCLUSÃO

A vida da juventude atual é muito complexa. Aparentemente, o jovem vive em liberdade e autenticidade - é diferente dos mais velhos e dos mais novos. Entretanto, podemos perceber como a juventude é muito acomodada às modas passageiras. Muitas vezes, os jovens confundem as imposições dos meios de comunicação com a sua própria vontade. Assim, ao invés de uma vida autêntica, têm uma vida alienada - seguindo os desejos produzidos por estranhos, crendo em necessidades irreais, tendo sonhos ilusórios.

Neste mundo, é mais do que necessária uma fé relevante; inteligente, corajosa e solidária. Somos chamados a assumir o mesmo estilo de fé vivido por Abraão. Uma fé transformadora e ousada. Uma fé divina e humanizadora. Uma fé capaz de enfrentar todos os desafios da vida cotidiana, com autenticidade e poder.

Perguntas para reflexão

1. Quais são os principais ídolos que nos desafiam hoje?

2. Qual é a diferença entre estar "atualizado" e ser alienado? Como a fé cristã pode estabelecer um critério neste conflito?

3. Como podemos viver, na prática, a fé abraâmica?

Lição 2

SARA, APRENDENDO À SORRIR

OBJETIVOS:

1. Meditar acerca do "impossível". Afinal, vivemos em uma sociedade secularizada onde, até mesmo a idéia de Deus vai sendo descartada. A ação humana pode transformar a impossibilidade numa possibilidade ?

2. Meditar acerca do "projeto" de Deus para as nossas vidas. É exatamente isso que percebemos no texto da lição: três projetos distintos. Dois deles nascidos a partir do "jeitinho" e o terceiro, no próprio coração de Deus.

3. Perceber que o fato de querermos apresentar o nosso próprio projeto como se fosse divino, na verdade demonstra e revela a falta de fé em que Deus possa cumprir a sua promessa.

NOSSA PERSONAGEM

É uma mulher. E chama-se Sara. Na verdade seu nome original era Sarai, que quer dizer "contenção". Sara significa princesa. Era mulher de Abraão e dez anos mais nova do que ele. Quando Abraão saiu de Harã em busca de Canaã, Sarai tinha sessenta e cinco anos de idade. Era mulher bem conservada e bonita, tanto que Abraão, quando estava prestes a entrar no Egito, temeu que a beleza de sua mulher atraísse a atenção dos egípcios e estes o matassem para se apoderarem dela. Daí dizer-lhes ser ela sua irmã. Aos oitenta e nove anos de idade recebeu a promessa de que haveria de dar à luz um filho. Isso aconteceu um ano depois, aos 90 anos de idade. Foi por ocasião da promessa do nascimento desse filho, que Deus mudou-lhe o nome de Sarai para Sara. Ela viveu até aos 127 anos, tendo sido sepultada na caverna de Macpela, comprada por Abraão para servir de jazigo à família.

O INCIDENTE QUE PROVOCOU O RISO

Certo dia, sentado na entrada de sua tenda, Abraão recebeu a visita de três mensageiros de Deus. Abraão, sem saber de quem se tratavam, recebeu-os com grande hospitalidade. Durante o jantar, um dos hóspedes perguntou: "Onde está Sara, tua esposa"? Abraão respondeu: "na tenda". Então o mensageiro disse: "Daqui um ano eu voltarei e Sara terá um filho!" De dentro da tenda, Sara que escutava toda a conversa começou a rir. E pensava consigo: "Será que sendo eu velha e sendo velho também meu marido ainda conheceremos o prazer de conceber um filho?" Isso era impossível. Daí ela rir-se das palavras daquele estranho hóspede.

TAREFA
Leia Gênesis 17:15-22 e discuta, com a classe, como aplicar este texto à vida da Igreja hoje.

Foi quando o mensageiro não gostou e perguntou a Abraão: "Por que Sara deu risada? Por acaso existe algo impossível para Deus?" Sara ficou com medo e tentou defender-se: "Eu não dei risada não!" Mas o mensageiro repetiu: "A senhora deu risada sim!"

No fundo, nós todos somos como Sara. Como teríamos reagido se fossemos velhos como Abraão e Sara (ela estéril a vida toda) e alguém viesse nos dizer que iríamos conceber um filho na velhice. Também não acreditaríamos. O

riso incrédulo talvez fosse também nossa resposta mais lógica. Aqui está, na verdade, um símbolo da maneira como os seres humanos reagem ao projeto de Deus. Somos tão lógicos e tão racionais na nossa maneira de ser e de viver que não há espaço nenhum para a fé. Rimos dos projetos de Deus para a vida humana e desdenhamos dos caminhos da fé. Só há lugar para a nossa lógica, ciência e razão.

Abraão e Sara tinham de acreditar ser Deus capaz de realizar o *impossível*! Mas isso era demais para eles. Por isso trataram, cada um a seu modo, de racionalizar a fé.

O PROJETO DE ABRAÃO

Ao invés de crer na promessa impossível, era mais fácil para Abraão crer em seu criado Eliezer. E por que não? Afinal de contas, conforme costume da época, quem não tinha filhos podia adotar uma outra pessoa para fazê-la seu herdeiro e tomar conta de seus bens. Foi a solução encontrada por Abraão. Adotou seu empregado Eliezer e desculpou-se perante Deus dizendo: "Senhor Deus, o que o Senhor vai me dar? Veja, eu vou morrer sem filhos, assim, tudo o que possuo vou passar para Eliezer de Damasco. Visto que o Senhor não me deu nenhuma descendência, será um dos meus empregados que vai ser o herdeiro" (Gênesis 15.2-3). Parecia uma solução honesta, correta, justa e normal. Mas não era. Tinha um único e grande defeito: era o plano de um homem para garantir seu próprio futuro. Por isso Deus não aceitou a idéia de Abraão: "O seu herdeiro não será Eliezer mas sim um filho nascido de seu próprio sangue!" Esse era o plano de Deus. Abraão não poderia ir contra ele, sem criar problemas quase insolúveis para si mesmo e sua família.

PARA MEDITAR

Reflita sobre Tiago 4:13-15 e o seu significado para a sua vida pessoal.

O que não está certo é a gente colocar os próprios planos no lugar dos planos de Deus. Não podemos fazer das nossas idéias, costumes, leis e bens, a base e a garantia do futuro. É isso que está por detrás do ensinamento de Tiago 4.13-15. Hoje muitos são como Abraão antes do aprendizado da fé. Não conseguem crer em Deus e por isso andam correndo atrás de um Eliezer que lhes dê um mínimo de garantia na vida. Não pensam no futuro de todos, mas apenas no próprio futuro, procurando garanti-lo através dos meios que o mundo lhes oferece:

dinheiro, poder, emprego, loteria, gente importante, posição social, carreira segura, projetos, etc. Caminhos que abafam a promessa de Deus escondida na vida e fecham o caminho do futuro, o caminho da benção

O PROJETO DE SARA

Sara também deu o seu "jeitinho". Já que Deus havia prometido uma descendência numerosa e eles não podiam ter filhos por serem velhos, o "negócio" era "dar um jeitinho". E foi o que Sara fez. Sara disse a Abraão: "Visto que Deus me fez estéril, toma minha empregada por tua mulher, para ver se por meio dela, terás algum filho" (Gênesis 16.2).

Para a mentalidade da época a proposta de Sara era mais que razoável. Abraão atendeu a ponderação de sua mulher e engravidou Hagar a empregada. Dela nasceu um filho, filho do sangue de Abraão, exatamente como Deus dissera. Daí o nome de Ismael cujo significado é "Deus me ouviu" (Gn 16.15). Eles achavam ser Ismael o filho da promessa. Mas o projeto de Sara continha o mesmo defeito do projeto de Abraão: o apoio da sua esperança não era a promessa divina, mas sim a fertilidade de Hagar. O homem continuava a apresentar o seu próprio projeto como projeto divino. Por detrás desse aparente interesse, no fundo estava a falta de fé, de convicção de que Deus pudesse cumprir sua promessa.

O PROJETO DE DEUS

Abraão e Sara devem ter estranhado muito a reação de Deus. Quiseram dar uma ajuda para que Deus pudesse realizar a sua promessa, e Ele não a aceitou. Afinal de contas, que Deus é esse? De fato, hoje muita gente descrê do poder e das promessas de Deus. Elas não fazem sentido em nosso mundo moderno. Só rindo como Sara o fez.

PARA MEDITAR

Não é fácil a caminhada do riso à fé. Carregamos em nós projetos e planos, idéias e ideais com os quais pretendemos garantir nosso futuro, por serem eles o fundamento de nossa esperança. Até o momento em que Deus resolve colocar-nos à prova e passar tudo a limpo. É o grande e decisivo teste de fé. Só quando passarmos nessa prova chegaremos à convicção de que de Deus não se ri e para Ele nada é impossível.

Mas, apesar das atitudes de Abraão e Sara, Deus cumpre a sua promessa e realiza o seu projeto. O projeto de Deus tem um nome: ISAQUE. É interessante notar que Isaque quer dizer RISADA (Gn 21.6). Era para lembrar sempre da risada descrente de Sara. Deus queria que Sara se lembrasse que dEle não se ri e com Ele não se brinca. O filho da promessa, Isaque, nasceu como Deus queria: filho de Abraão e de Sara. De Abraão já velho, e de Sara já velha e estéril. A semente do futuro germinara.

O RISO DE DEUS

Começamos com o riso de Sara e terminamos com o riso de Deus. Sara ri porque julga impossível para Deus levar a cabo seus planos e promessas. Desconhece o fato, ou teima em ignorar, que para Deus nada é impossível. Quando o anjo anuncia o nascimento do Messias, diante do espanto de Maria, simplesmente declara: "porque para Deus não há impossíveis em todas as suas promessas" (Lucas 1.37). Essa é a natureza do nosso Deus. Pois está escrito: "Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos entendidos. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?...porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (I Co 1:19.20.25).

Que o riso de Sara desperte em nós a lembrança do riso de Deus, aquele para quem nada é impossível e de quem procedem toda boa dádiva e todo dom perfeito.

Perguntas para reflexão

1. A personagem de nossa lição é Sara, mas o texto bíblico enfoca mais a vida de Abraão do que a dela. Por quê? Discutam sobre a condição da mulher na família hoje.

2. Quais são os principais "jeitos", atualmente, para fugirmos das promessas e do projeto de Deus, a fim de realizar o nosso próprio projeto de vida?

3. À luz da vida de Sara e Abraão, o que é a fé?

Lição 3

MOISÉS: A CAPACITAÇÃO VEM DE DEUS

OBJETIVOS:

1. Discutir com a classe questões sobre a função de cada um no Corpo de Cristo. Muitos de nós se acham deslocados. Outros tantos não enxergam em si mesmos nenhum potencial para o serviço cristão. Muitas vezes parecemos muito com Moisés. Vivemos de desculpas em desculpas. Temos um verdadeiro pavor de assumir um compromisso de fato e de direito com o Todo Poderoso.

2. Perceber que a capacitação para todo e qualquer ministério ou serviço cristão vem de Deus. Ainda que não nos vejamos como pessoas aptas para esse ou aquele serviço, ainda assim Deus deseja nos usar como instrumentos imprescindíveis para a execução do Seu projeto de vida e de libertação.

INTRODUÇÃO

Moisés nasce num mundo controlado e regido pelo Faraó. Um mundo onde as coisas acontecem pela simples vontade, determinação e autoritarismo daquele que exerce o poder. É o mundo do faraó. Um mundo onde todas as coisas existem ou não por um simples ato de vontade.

Uma realidade muito estranha. Pois nesse tipo de sociedade não se cultiva a vida. Tudo e todos sempre representam uma verdadeira ameaça. É por isso que o faraó é incapaz de agir de forma amorosa e de enxergar as pessoas como seres humanos. Ao contrário, para ele as pessoas são objetos. Instrumentos de trabalho. Pessoas que não precisam ser amadas. Na verdade, elas precisam trabalhar (Êxodo 1.8-14).

O faraó tem medo. Afinal, quem tem muito poder nunca vive tranqüilo. Não consegue dormir bem. A insônia torna-se a companheira predileta. Desta forma, até as crianças se tornam uma ameaça ao faraó. Ele tem medo da esperança que está germinada no coração dos pequenos. Receia o futuro. Tem medo da liberdade e, por isso, tenta controlá-la.

Faraó vive em um mundo palmilhado de injustiça e opressão. Uma situação onde se faz necessário escravizar as pessoas a fim de garantir a continuidade do seu bem estar.

O mundo do faraó está fundamentado sobre alicerces fracos. Seu reino não pode ser eterno. Sua glória não pode durar por longos dias. O "Egito" precisa deixar de existir enquanto modelo de injustiça, opressão e morte.

MUDANDO A HISTÓRIA... PARA MELHOR

A Bíblia nos conta que o império da morte começa a ser destruído pelas mãos das mulheres: as parteiras (Ex 15.15-22).

Tem início um período de profundas mudanças. Sementes de esperança foram semeadas e agora só resta esperar ... Essa mudança - para melhor - é fruto de uma desobediência civil. O desejo da vida é infinitamente superior à morte. Ainda que a ordem tenha sido dada pela pessoa mais importante do país, ela pode ser ignorada. A vida não tem preço. Ela vem de Deus. O *não* das parteiras ao faraó representa, na verdade, um grande sim a Deus e ao seu projeto de vida e de libertação. As mudanças produzidas a partir desse momento serão sentidas em toda a história da humanidade, pois Moisés já é uma criança. A vida venceu.

Moisés cresceu. Já é homem. E como pessoa já formada é preciso tomar decisões. Encarar o futuro. Buscar alternativas para as situações complicadas da vida.

E, desta forma, Moisés nos traz dois exemplos vivos de como podemos desenvolver nossas vidas enquanto cristãos:

1. *Moisés conhece a Deus*

Moisés conhece a Deus pelo nome. Para ele, Deus é referencial de vida e de libertação. Pois é isso o que indica e significa o nome de Deus (Êxodo 3:14): "o Senhor liberta".

Para Moisés, Deus é uma realidade pessoal. Conhece-O pelo nome. Localiza-O historicamente em sua vida e, com Ele, presente e futuro terão uma nova perspectiva (Êxodo 3).

Deus se identifica e dá a razão de sua visita. Afinal, Ele não veio visitar Moisés e iniciar um diálogo vazio e sem sentido. O Senhor vem com um projeto muito claro de libertação e de vida. Deus tem um projeto e necessita de "operários" dispostos a executar esse projeto.

Moisés tem medo. Busca em si mesmo capacidade mas não encontra. Não tem capacidade, mas tem desculpas. Arruma várias delas com o desejo de escapar da responsabilidade que Deus queria delegar a ele. Uma boa desculpa é irresistível. Até mesmo Deus deve concordar com os meus motivos. Não é isso que muitas vezes falamos e fazemos? Somos rápidos em arrumar desculpas para não assumirmos os projetos de Deus para a transformação e libertação desse mundo.

PARA MEDITAR

Moisés se acha incapacitado para realizar a vontade de Deus. E você? Como se sente diante da possibilidade de participar da missão de Deus no mundo?

Todavia, Deus não está interessado nas desculpas de Moisés. Pois, afinal, Deus é Deus. Ainda que Moisés nada possa, Deus continua sendo Deus. Seu poder continua sendo ilimitado e seu projeto de vida ainda assim continua em ação.

A ação de Deus é maravilhosa. Ao ouvir todas as tentativas de Moisés para "cair fora", responde como aquele que pode capacitar e equipar todos e todas que são chamados por Ele mesmo. Deus é o nosso capacitador. Aquele que, mesmo

em meio as nossas péssimas qualificações, ainda assim teima em nos querer para o desenvolvimento de sua obra.

Dessa forma, Deus converte alguém que se achava incapaz de executar uma função dada pelo próprio Deus, em parceiro de seu projeto libertador. Assim como agiu com Moisés, fez de Jeremias, com as suas crises de fé e de vocação, um gigantesco profeta. Fez de Gideão, o caçula entre tantos irmãos e pertencente a uma família muito pobre, um poderoso juiz.

PARA MEDITAR

1.O que Deus poderá fazer de nós se tão somente nos colocarmos à sua disposição?

2.Que poderá acontecer se ousarmos responder a Deus feito o profeta Isaías: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (Is 6).

2. *Moisés conhece a si mesmo*

Moisés sofreu até se decidir por qual caminho deveria andar. A vida foi a sua escola. O sofrimento marcou-o profundamente e, assim, dia a dia Moisés ia conhecendo melhor a si mesmo.

Quanto mais Moisés se conhecia, mais transpirava a obediência e fortes doses de humanidade. Sua vida, afinal, começava a tomar o rumo certo. Demorou, mas o gesto das parteiras no passado, desobedecendo ao faraó, começava a produzir bom fruto. Demorou, mas que grandiosa benção se tornou Moisés. Como valeu a pena esperar em Deus.

A partir de seus gestos de obediência e solidariedade, Moisés começa a perceber que deveria tomar uma posião em relação à sua própria vida e, por isso, faz uma opção: "não vou aceitar ser chamado de filho da filha do faraó", ou seja, não quero dar continuidade ao império da morte e da escravidão, desejo, sim, servir a um Deus pessoal, amoroso e que deseja se relacionar com aqueles que são "aparentemente" fracos.

Dessa forma, Moisés, através de suas próprias ações se torna um hebreu. Faz uma opção ao não desejar mais se amoldar e tolerar as irracionalidades da sociedade na qual ele nasceu.

Portanto, as atitudes de Moisés são frutos de uma dupla dose de conhecimento. Esse conhecimento dá a ele referencial de caminhada e certeza de fazer aquilo que é da vontade de Deus. Desta forma, Moisés conhece íntima e pessoalmente a Deus e também conhece a si mesmo.

E nós, que tipo de relacionamento temos com Deus? Que tipo de relacionamento temos conosco mesmos?

Lição 4

RUTE: VIVENDO UMA AMIZADE SOLIDÁRIA

OBJETIVO:

Meditar sobre três fatores essenciais nas relações humanas dos jovens: a) ser bênção na vida daqueles que passam por dificuldades e vivem no amargor da vida; b) viver de forma desinteressada para o outro. Servir ao próximo pelo simples prazer de "servir"; c) alimentar-se diariamente de Deus. Rute era só paixão em relação a Deus e d'Ele tirava forças.

Rute é uma lutadora. Modelo de fé e coragem. Mulher que nos ensina algumas preciosas lições. Vamos procurar entendê-las a partir da própria história registrada na Bíblia.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Nossa história tem início com uma pequena família caminhando. Estavam em viagem. O marido chamava-se Elimelec, a esposa Noemi e os dois filhos Maalon e Quelion.

Faziam uma viagem dura e cansativa. Não podiam perceber o que estava à frente deles. Mas isso não importava. Era preciso caminhar. Buscar novos caminhos e novas alternativas.

Durante a viagem, Elimelec relembrava a vida de sua família e o porquê da sua jornada. Na lembrança estava a firme e inabalável certeza de que pertenciam a Deus. Faziam parte do povo de Deus e isso significava um forte compromisso com o próprio Deus e com a vida. Porém, um período de fome começou a assolar o país, e a situação deles - como também de tantas outras famílias - tornou-se complicada.

Dessa forma decidiram tentar a vida em outro país, em outra terra. Se ficassem talvez morreriam de fome. Eram pobres, quem ligaria para mais uma família de pobres?

PARA MEDITAR

Muitos jovens tentam a vida fora de suas cidades de origem, ou mesmo fora de nosso país. O que os motiva a isso? É a melhor solução? Qual é a nossa responsabilidade como cidadãos brasileiros?

A perseverança deles acabou levando-os a Moabe, uma terra estrangeira. E ali as coisas pareciam melhorar. Pareciam ... pois, quando menos se esperava, Elimelec morreu.

Após a sua morte os dois filhos se casaram. Duas lindas mulheres. Contudo, novamente a desgraça se abateu sobre a família: Maalon e Quelion também morreram.

Noemi ficou sozinha. Sem marido, sem filhos. Somente as noras ficaram.

A situação não era nada fácil: fome, viagem cansativa, mortes, terra estranha, sem familiares por perto. Eram apenas três mulheres. E Noemi tentava, a todo custo, persuadir as noras a voltarem para a casa dos pais.

Órfã aceitou a sugestão. Rute bateu o pé : "onde você for eu também vou. O seu Deus é o meu Deus". Enquanto Órfã virava as costas e iniciava sua caminhada de volta, as faces de Noemi e Rute estampavam um forte sentimento de perseverança.

Apesar de tanto sofrimento, tanta desgraça, elas permaneciam firmes. O testemunho de Noemi foi tão forte em meio ao sofrimento que Rute chegou a se converter ao Deus dos hebreus.

Eram mulheres corajosas. Acreditavam na possibilidade de mudança e, por isso, insistiam. Assim, as vemos voltando à região de onde haviam iniciado a primeira viagem.

Uma verdadeira lição de fé e desejo de mudar a situação estava presente na vida dessas mulheres. Apesar da vida marcada pelo sofrimento caminhavam planejando o futuro. Apesar de retornarem somente com a roupa do corpo e não sabendo bem ao certo o que encontrariam em Belém, elas insistiam em lutar pela vida.

Mulher é assim mesmo. Perseverante. Sempre segura a "barra". Persevera até o último instante. Não se dá por vencida. Com fé em Deus e muita força de vontade coloca o pé na estrada da vida e começa a caminhar.

Mulher é força ...

É como se pudéssemos escutar Noemi e Rute a partir dos lábios das mulheres de hoje: "a vida é dura, mas com Deus no coração e força nos pés a gente vence".

RUTE: ESPELHO QUE REFLETE A BELEZA FEMININA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Rute é exemplo. Espelho que reflete a força da fé e da solidariedade. Nela encontramos os contornos que podem modificar o nosso jeito indiferente de ser cristão. Ela é amiga. Esse é o significado de seu nome. Não permite que o amargor da vida a contamine e estrague o seu futuro. Assim, vive intensamente o significado do seu nome irradiando amizade àquela que está à sua volta. Noemi não está muito bem. A vida está sendo "amarga" para ela. As desgraças que se sucederam foram minando as suas forças e agora ela precisa de alguém ao seu lado. Sua situação é tão angustiante que ela teima em trocar seu nome Noemi, que significa "graciosa" por Mara, que significa "amarga". Na verdade, Noemi precisa de alguém ao seu lado. E Rute percebe essa necessidade...

Todos nós precisamos de um(a) amigo(a) ao lado para que o *amargor* da vida possa ser combatido. Como é difícil conseguir amigos quando a situação em que vivemos é desagradável. Quão difícil é nos aproximarmos e oferecermos a nossa amizade aos que passam pelos desfiladeiros da vida.

Essa é a *primeira lição* que Rute nos oferece: precisamos, através da nossa amizade, converter a tristeza do próximo num canto de alegria e de esperança.

A *segunda lição* de Rute nasce como conseqüência da primeira. Sua amizade é estritamente gratuita. Ela não busca seus próprios interesses. Não se esconde em seu próprio mundo. Não se amolda aos seus problemas. Não vive o complexo de Narciso, ou seja, seu mundo não nasce e termina em si mesma mas nasce e tem continuidade na doação de vida fraterna e solidária. Rute quer amar. Rute quer se doar. Rute quer servir...

A segunda lição de Rute nos leva a viver de forma desinteressada em relação aos outros. Muitas vezes pensamos: que ganharei em troca se fizer isso ou aquilo para ele? Qual a minha recompensa? Qual a minha vantagem? Meu lucro? Que posso eu obter?

Rute deseja apenas servir...mesmo quer isso custe seu tempo, seus planos, seus sonhos de mulher...

TAREFA

Leia I Coríntios 13:4-7 e aliste formas concretas de demonstrar o amor (solidariedade) cristão ao próximo hoje.

A terceira lição que Rute nos traz é o cimento que liga as duas lições anteriores: Rute se apaixonou por Deus. Em meio às dificuldades que a vida lhe oferecia: pobreza, viuvez, escassez de alimentos, discriminação , ela se alimentava apaixonadamente por um Deus que se apresentava diante dela como um Deus forte, libertador, amigo feito ela, fiel e que não desampara nunca.

Diante dessa descoberta Rute pode gritar sua profissão de fé: "o seu Deus será o meu Deus". Um desejo de viver atada a esse Deus que faz a vida brotar feito flor mesmo em meio à rocha.

Rute tinha tudo para não dar certo. Contudo, ela descobriu a força que brotava da amizade e permitiu que a vida de Deus não fosse igual a uma fonte de água cercada por todos os lados. Não, ela abriu vários canais para que a vida de Deus pudesse correr e ser derramada nos corações dominados pela amargura e frustração.

Pergunta para reflexão

Como superar o desânimo e a falta de perspectivas de vida? Como a vida de Rute e Noemi nos ajudam a enfrentar os problemas e desafios do dia-a-dia?

Lição 5

UM HOMEM COMPROMETIDO COM A VIDA

OBJETIVOS:

1. Analisar as atitudes e os fundamentos nos quais Barnabé firma sua vida;

2. Estudar o contexto da Igreja em nossos dias, como palco para atuação modelada na vida de Barnabé;

3. Apontar caminhos e pistas para uma ação missionária e diaconal mais autêntica e eficaz.

INTRODUÇÃO

Barnabé não é conhecido pelas suas palavras. Ele aparece no cenário do evangelho como um homem definitivamente comprometido com Deus e com a Sua vontade. No momento em que a Igreja se preparava para dar os primeiros passos rumo à tarefa missionária, Barnabé não hesitou, colocou seus bens à disposição da comunidade da fé (Atos 4:36, 37).

Nesse sentido, o que mais nos chama a atenção é o fato de costumarmos valorizar mais os discursos e as palavras do que as atitudes e compromissos. Chegamos a pensar que com um discurso nós resolvemos todos os nossos problemas. Barnabé nos inspira porque nele não encontramos só palavras.

TAREFA
LEIA Mateus 6:24 e responda: como aplicar este texto em nossa realidade capitalista que valoriza o status pessoal e o consumo luxuoso?

Há pelo menos duas lições que Barnabé aprendeu dos lábios de Jesus: a) "Não acumuleis *para vós* tesouros na terra"; e b) "Servir a Deus ou a Mamon".

Num primeiro momento acontece a partilha de bens porque Barnabé entendeu o verdadeiro sentido da palavra de Jesus proferida no sermão do Monte. O ponto de gravidade da expressão "não acumuleis para vós..." está exatamente nas duas últimas palavras: *para vós*. Portanto a lição de Jesus, que foi praticada na vida de Barnabé, leva-nos a ver que o importante é não possuir as coisas egoisticamente, *para nós*, mas ter para repartir. É esse procedimento que inspira! Se Barnabé acumulasse bens para si, numa vida egoísta e sem sentido, ele seria mais um entre milhões de pessoas que assim procederam sem marcar a história.

O outro ensinamento de Jesus, marcado na vida de Barnabé diz respeito à opção entre servir a Deus ou servir a Mamom, o deus das riquezas. Ele não titubeou. Dominou a sua riqueza para não ser dominado por ela. Não adotou a regra de nossos tempos que diz: "diga quanto ganhas e eu te direi quem és".

Um homem cheio do Espírito Santo

Em Antioquia, onde muitos se converteram a Cristo e também onde os discípulos foram chamados pela primeira vez de cristãos, aparece o pastor Barnabé descrito por Lucas como "homem cheio do Espírito Santo" (Atos 11:24). Quando

chegou à igreja, enviado pelos discípulos de Jerusalém, Barnabé logo percebeu a graça de Deus (Atos 11:23). Ele viu o que somente uma pessoa cheia do Espírito Santo de Deus pode ver: a Graça Divina.

As lentes da ideologia e do preconceito nos impedem de ver a Graça de Deus e nos fazem ver somente a barganha, a troca, tanto em nosso relacionamento com nossos irmãos como também, muitas vezes em nosso relacionamento com Deus. Chegamos até a teorizar a respeito da graça, mas nossos desejos nos denunciam quando esperamos algo em troca. Parecemos, às vezes, como o menino que pedia dinheiro para a mãe dizendo que iria dar a um velhinho, e a mãe, comovida lhe perguntou: Para qual velhinho você quer dar o dinheiro, meu filho? E ele, com o dinheiro na mão, satisfeito, respondeu: É para aquele ali que está gritando: "olha a pipoca quentinha".

PARA MEDITAR

De que forma a graça de Deus pode nos fazer mudar os valores e atitudes nos relacionamentos (1) com nossos pais; (2) com nossos colegas; (3) com os mais velhos, em geral?

Para um homem de Deus, a graça marca a sua rotina. Ela é a primeira a ser vista, a ser lembrada, a ser vivida. É na graça que encontramos a salvação, a justificação e o louvor.

A ideologia não nos permite ver a graça de Deus porque ela não nos mostra a verdade, mas nos aponta o interesse próprio. As lentes do preconceito não nos deixam ver a graça porque costumam colorir a paisagem da vida com as tintas do desamor e da indiferença. Se essas lentes estivessem sobre os olhos de Barnabé, ele não enxergaria no apóstolo Paulo uma nova criatura transformada por Deus (Atos 9:26). Nesse momento, quando todos avaliavam a vida de Paulo pelo que havia feito no passado, Barnabé via o que Deus lhe fizera no presente.

A partilha da riqueza e da pobreza

Quando se trata de partilhar, é necessário que se tenha a real e precisa visão do problema e onde ele se localiza. É um erro comum se pensar em partilhar com a preocupação não com quem realmente necessita ser assistido, mas com a preocupação de se resolver um problema de consciência de quem está inautenticamente assistindo. Tem gente que confunde insistentemente

solidariedade, a partilha, com um simples processo de limpeza da consciência. Daí, não se vê a circunstância que a pessoa vive como problema, mas se vê a própria pessoa, coisificada, como um problema que só pode ser resolvido se for eliminado: quanto mais rápido se atender ao necessitado, tanto mais rápido ele desaparecerá! Isto é egoísmo mal disfarçado!

Se queremos aprender a partilhar devemos começar a partilhar da riqueza e da pobreza. Partilhar do que temos e do que somos. Quando tivermos e quando não tivermos. Foi assim que fez Barnabé. Quando tinha alguma coisa para partilhar dividia, quando não tinha nada para dividir, dava-se em companheirismo, em vivência cristã. Quando chegarmos a pensar que tudo o que as pessoas necessitam é de dinheiro, então deixaremos de ser solução para elas e seremos problemas para nós mesmos.

Quando Paulo precisou de um companheiro que estivesse com a vida e o coração na Missão, Barnabé estava junto, disposto a fazer parte dos momentos alegres e cobertos de êxito e também dos momentos difíceis, cobertos de lutas e escassez. Talvez Barnabé conhecesse bem as próprias palavras de Paulo: "Aprendi a viver... tanto em fartura, como em escassez, ter abundância como a padecer necessidade" (Filipenses 4:12).

Conclusão

A nossa vida só começa a fazer diferença na história quando nos inspiramos na vida de pessoas mediante as quais Deus marcou o tempo e o espaço. Muitas pessoas nos são colocadas como exemplo, como se fossem carregadas de valores de Deus para nós para servir de moldura; moldura esta que serve tão-somente para massificar e coisificar a vida humana. Se queremos marcar a história, deixemo-nos encher pelos valores de Deus, pela força de Deus, e assumamos os princípios do Reino de Deus em nossa caminhada: amor, alegria, solidariedade, justiça...

Perguntas para reflexão

I. Como a vida de Barnabé pode nos inspirar em nossa caminhada missionária e diaconal?

2. A Igreja e muitos segmentos filantrópicos têm se preocupado em aliviar o pauperismo com diversos tipos de trabalho e campanhas. Será que devemos trabalhar para aliviar ou eliminar o pauperismo?

Lição 6

LIDERANÇA: UMA PERSPECTIVA BÍBLICA E TEOLÓGICA

OBJETIVOS:

1. Discutir e avaliar, à luz das perspectivas bíblica e teológica aqui apresentadas, os conceitos de liderança que dão sustento à nossa prática;

2. Discutir e avaliar os critérios e prática de escolha de lideranças na igreja local;

3. Despertar a classe para a questão da liderança - as suas responsabilidades e a necessidade de líderes realmente qualificados para a Igreja hoje.

INTRODUÇÃO

Certamente existe um consenso quanto à importância da liderança em qualquer grupo humano. O sucesso ou insucesso de um grupo está intimamente relacionado à figura do líder. Você mesmo pode pensar em empresas, indústrias, países, famílias, times de futebol, igrejas, que experimentaram vitórias ou fracassos, alegrias ou tristezas, por causa do seu líder. Existem inúmeros conceitos e técnicas de liderança e a Palavra de Deus também se manifesta a esse respeito. Nela encontramos modelos de liderança e princípios vitais para a sua prática. É fundamental, portanto, que tenhamos uma visão bíblica de liderança, especialmente quando pensamos na responsabilidade que é ser um líder entre o povo de Deus. Nosso objetivo é que ao final desta lição você tenha não só uma perspectiva bíblica de liderança, mas também condições de avaliar os vários estilos de liderança com os quais convive.

TAREFA
Pensando no relacionamento entre Jesus - líder - e os discípulos - liderados - responda: (1) como Jesus motivou os discípulos à ação? (2) que tarefa/alvo Jesus propôs aos seus discípulos? (3) que meios Jesus usou para desenvolver as habilidades dos doze?

1. O que é liderar? (formando um conceito)

Para mim, liderança é a capacidade que alguém tem de motivar pessoas para o cumprimento de alguma tarefa e de levá-las ao pleno desenvolvimento de suas habilidades, para que isso aconteça. Pessoalmente, gosto da definição que Nanci Dusilek faz em seu livro: "Liderar é a arte de crescer com as pessoas". Esta definição condensada aproxima-se bastante do estilo de liderança do nosso maior líder: Jesus. Não é exatamente isso que Ele fez com os doze e faz conosco diariamente, trabalhando em nós para levar-nos ao crescimento e desenvolvimento de nossas potencialidades?

2. O líder nasce pronto?

Que você acha? Um líder já nasce feito? É uma questão de tirar a sorte grande? Há pessoas que acham que sim. Porém, quando olhamos para a Palavra de Deus

descobrimos que inúmeras pessoas nasceram sem a menor predisposição para a liderança, mas foram feitos líderes por Deus, através de uma série de fatores. A Bíblia nos ensina que Deus sempre usou homens e mulheres e os tornou líderes para que dirigissem a Sua história e cumprissem Seus desígnios. Olhe para Moisés, Josué, Débora, Ester, Davi, Neemias, Paulo, Pedro, Timóteo. Você vai perceber que foram pessoas tornadas líderes por Deus para cumprirem Sua tarefa.

3. A necessidade de líderes

Por que Deus levantou e ainda levanta líderes entre o Seu povo? Além das razões já citadas acima, diríamos:

* Para iniciar projetos - ex. Abraão, Gn 12
* Para conduzir pessoas a determinadas situações - ex. Moisés, Êx 3
* Para levar pessoas à vitórias em suas vidas - ex. Josué
* Para levar pessoas a um relacionamento adequado com Deus - ex. Ezequias
* Para conduzir a Igreja de Cristo em santidade e obediência - ex. Paulo e os anciãos - At 20:28.
* Para expressar o Seu amor pelo ser humano - ex. Jo 3:16.

Vemos, portanto, a necessidade de liderança inclusive entre o povo de Deus. O problema é que na maioria das vezes não temos modelos corretos de liderança ou então desconhecemos alguns aspectos necessários e fundamentais na liderança cristã. A Bíblia nos ajuda a superar esses problemas.

4. Aspectos teológicos e práticos da liderança cristã

1. Serviço O líder cristão é, antes de tudo, um servo. No Reino de Deus só podem liderar aqueles que sabem servir. O espírito do líder é um espírito de servo. Foi assim com o próprio Jesus que disse: "Eu vim para servir e não para ser servido". A liderança de Jesus era entre os discípulos e não sobre eles. Ele não procurava posições, mas situações onde pudesse ser útil às pessoas nas suas necessidades (Mc 10:42-45). Esta mentalidade é, naturalmente, uma afronta à mentalidade competitiva e egoísta de nossa sociedade. Mas será que é somente na sociedade que a encontramos?

2. Amor Jamais haverá um estilo cristão de liderança que não passe pela perspectiva do amor. O amor era um fator de motivação no ministério de Jesus. Em Jo 13:1 está escrito: "Tendo amado os seus, amou-os até o fim". Quem não ama não pode liderar o povo de Deus, pois jamais terá a motivação correta. Você percebe que o amor é a motivação dos líderes cristãos que você conhece?

3. Valorização do ser humano O interesse sincero pela vida do outro é algo fundamental para o líder cristão, sem o que os relacionamentos se tornarão frios, mecânicos e sem vida. O apóstolo Paulo valorizava aqueles que com ele conviviam (veja a lista de Romanos 16: 1-16). A valorização se manifesta através do elogio e da demonstração de interesse. Valorizar a pessoa é uma prática esquecida hoje em dia.

TAREFA
Leia Marcos 10:35-45 e responda: (1) que motivações os discípulos de Jesus tinham para liderar? (2) que modelos opostos de liderança Jesus apresentou à discussão pelos discípulos? (3) Na prática eclesial atual, qual é o modelo predominante?

4. Edificação Em Efésios 4:12, Paulo fala do desejo de Deus para todo cristão: que sejam "aperfeiçoados", noutra tradução, "equipados", para que assim possam desenvolver suas funções no Corpo de Cristo. O desejo de ver o outro crescer é algo que deve estar no coração de cada líder, porque na verdade este é o objetivo da liderança cristã com as pessoas.

5. Poder para conduzir Somos condutores do povo de Deus e mordomos d'Ele sobre o rebanho. Deus nos deu o privilégio de conduzirmos Seu rebanho para uma vida cristã progressiva. Isso significa que o poder que o líder tem é para conduzir as pessoas aos alvos que Deus determinou, e nunca para fazer o que pensa ou atuar em causa própria. Líder que não sabe conduzir seus liderados à vontade de Deus falha no seu ministério e vocação.

6. Entregar a vida I Ts 2:8, I Jo 3:16 - A disposição de dedicar a vida às pessoas que lideramos é algo que precisa ser cultivado em nós. Paulo viveu intensamente este princípio durante seu ministério - ele oferecia às pessoas a palavra de Deus e também a própria vida. Faz diferença quando você decide viver intensamente para aquelas pessoas que Deus colocou ao seu lado. Você é capaz de pensar em algum líder com esta característica?

7. Fé A fé é importante na liderança por dois motivos, basicamente:

* Para você acreditar na transformação das circunstâncias mais difíceis pelas quais, porventura, você venha a passar;

* Para você enxergar seus liderados com os olhos de Deus, e vê-los como pessoas já transformadas pela graça de Deus, e em processo de aperfeiçoamento.

A falta de fé será fator de desânimo e desestímulo na função de liderar.

8. Modelo Diríamos que o jovem líder precisa entender isso em dois sentidos:

* Precisa procurar modelos para sua própria vida, não para reproduzi-los, mas para aprender com a experiência de uma outra pessoa mais madura. Não tenha dúvidas de que muitos líderes bem sucedidos tiveram a humildade de se sentarem aos pés de alguns "mestres" anônimos.

* Precisa também ser modelo, conforme a palavra de Paulo a Timóteo: "Torna-te padrão dos fiéis"- I Tm 4:12 - ser modelo para outros não é uma prerrogativa de pessoas mais velhas, mas algo que tem a ver com o caráter e atitudes. Você tem modelos de liderança?

9. Oração É o oxigênio do líder. Através da oração, o líder mantém uma vida de intimidade com Deus, tendo nessas horas oportunidade de derramar sua vida na presença de Deus e ser assim restaurado; por outro lado é o momento também de colocar a vida dos seus liderados diante de Deus, num momento de intercessão. Orar pelos liderados é algo que nos aproxima mais deles.

Conclusão

A liderança, especialmente entre o povo de Deus, é um desafio que exige determinação e disciplina. Podemos entender melhor o tamanho dessa responsabilidade quando olhanmos para as inúmeras qualificações que Paulo diz que um líder deve ter (I Tm 3, Tito 1:5). Por isso mesmo seria sábio de nossa parte termos o hábito de orar pelos líderes, para que em nenhum momento eles se desviem dessa visão bíblica de liderança.

Perguntas para reflexão

1. Você concorda com o conceito de liderança compartilhado pelo autor?

2. Dos aspectos práticos e teológicos da liderança cristã qual mais chamou a sua atenção? Por quê?

3. Você acha que a igreja está bem suprida, ou vive uma crise de liderança?

4. Que você acha dos critérios para a escolha de líderes em nossas igrejas?

Lição 7

MODELOS DE LIDERANÇA JOVEM NA BÍBLIA

OBJETIVOS:

1. Estudar a vida de dois jovens da Bíblia sob o prisma da liderança;

2. Estimularmo-nos, mutuamente, a ver nas vidas de José e Daniel aquilo que Deus mesmo pode fazer em nossas vidas;

3. Encorajarmo-nos a um vida de obediência e consagração a Deus;

4. Desafiarmo-nos a sermos usados por Deus na liderança de Seu povo.

INTRODUÇÃO

Nesta lição queremos encorajá-lo a colocar-se nas mãos de Deus para ser por Ele usado. Para isso vamos olhar a vida de dois jovens, José e Daniel, e descobrir porque e como eles tornaram-se líderes e tiveram um papel importante na história do povo de Deus. Você vai perceber que algumas qualificações são necessárias para todos aqueles que almejam serem usados por Deus como líderes.

JOSÉ

O que marca a vida de José é que ele se tornou uma pessoa relevante, alguém com uma vida plena de significado. Sua história começa em Gênesis 37. A partir daí começamos a descobrir algumas características importantes na vida desse jovem:

1. Era um rapaz simples (37:2) José ajudava seus irmãos a cuidarem do rebanho; exercia um trabalho comum, rotineiro e até aparentemente desprezível. Isso nos mostra que para sermos usados por Deus não precisámos ser pessoas extra-ordinárias, especiais.

PARA MEDITAR

Deus nos usa a partir do nosso lugar, como somos, a partir do nosso contexto. Que você acha disso?

2. Era um rapaz que sonhava (37:5) O que tornava a vida de José relevante é o fato de que ele era alguém que possuía sonhos. Sonhar é preciso. Faz parte da nossa vida. Alguém que para de sonhar está provavelmente caminhando para a inércia e a própria morte. Além disso José tinha um sonho diferente porque ele sonhava os sonhos de Deus. José entendeu que Deus tinha algo para sua vida e permitiu que estes sonhos fossem fomentados em seu coração. Isso fez diferença em sua vida. Ao invés de pensar no que seria melhor para si ele pensava no que Deus queria para sua vida.

3. Não abria mão de seus sonhos (37:20-24) Por causa dos seus sonhos José foi odiado pelos seus irmãos, os quais acabaram tramando contra sua própria vida. Porém, mesmo em face desse perigo ele não abriu mão de seus sonhos, daquilo que Deus mesmo tinha para sua vida. Tanto que em nenhum momento ele negou ou desprezou seus sonhos. Não é verdade que há muitos jovens cristãos que diante de alguma situação de confronto ou mesmo diante dos amigos, abrem mão dos planos de Deus para suas vidas? Abrem mão de seus princípios e convicções? É característica de um líder lutar pelas suas convicções.

4. Era um veículo das bênçãos de Deus (39:5-6) Por causa de José, Deus começou a abençoar a casa do egípcio. Você percebe que se José tivesse aberto mão dos planos de Deus para sua vida isso não teria acontecido? Isso nos mostra que você pode influenciar a vida dos seus amigos e familiares se viver os planos de Deus. Há muitas pessoas que podem ser abençoadas pela nossa presença. Para isso é necessário que você se veja como um instrumento de Deus para abençoar aqueles que estão ao seu lado. Esta é uma realidade na sua vida? Como é que as pessoas que convivem com você têm sido abençoadas pela sua presença?

TAREFA

Você é alguém que sonha os sonhos de Deus para você ou tem seus próprios sonhos? Você já perguntou para Deus quais são os sonhos dele para você?

5. Cultivava um caráter sadio (39:7-9) A questão do caráter é fundamental para o líder cristão. As pessoas não confiarão em alguém que não tenha integridade. Sua liderança e suas idéias não serão aceitas. José era um jovem honesto nas suas intenções, possuía um coração puro (veja o Sl 24:4 e Mt 5:8). Isso ficou muito claro no episódio em que a esposa de seu patrão tentou seduzi-lo. Você cultiva um caráter sadio?

6. Era alguém pronto para aproveitar oportunidades (41:14)

Mesmo estando sob presão, José aproveitou a primeira oportunidade que surgiu para sair daquele lugar. Sabia que Deus poderia modificar a sua sorte a qualquer momento. Não ficava lamentando a sua situação. Estava atento para o momento. Você já pensou no quanto deixou de crescer, de aprender, de ajudar pessoas, simplesmente por que não aproveitou algumas oportunidades que

surgiram inesperadamente? Você é alguém atento para aquilo que Deus quer fazer ou está sempre lamentando alguma situação?

7. Era alguém que manifestava conhecer a Deus (41: 37-43) A sabedoria de José era o testemunho de seu conhecimento de Deus.

TAREFA

Leia Gênesis 41:37-43 e procure responder: que atitudes demonstram que você conhece a Deus?

8. Era alguém que tinha paciência para esperar a ação de Deus (41:46) José teve sonhos e soube esperar o tempo certo para o seu cumprimento. Somos imediatistas e queremos resultados na mesma hora. José esperou 13 anos até ver seus sonhos concretizados.

9. Era alguém que aprendera a perdoar (45:3, 14-15) O perdão tornou-se a marca fundamental na vida de José. Ele não acumulou mágoas daqueles que o prejudicaram. Seus relacionamentos estavam em dia. Como vão os seus relacionamentos? Como você vai lidar com as pessoas que certamente irão decepcioná-lo um dia?

DANIEL

1. Coragem para ser diferente (2:8) Daniel foi um jovem que não teve medo de ser diferente dos demais, mesmo que para isso tivesse que assumir posições delicadas. Às vezes não assumimos posições diferentes por receio dos amigos ou por não querermos ser prejudicados. Porém, ao contrário do que se pensa, as pessoas de um modo geral admiram aqueles que têm coragem para pensar e agir diferente.

2. Sabia de suas limitações (2:7-18) Daniel sabia que era alguém limitado e isso levava a depender de Deus, clamando por Sua misericórdia e ajuda. Como é bom reconhecermos nossos limites e colocarmo-nos nas mãos de Deus. É vital para o líder cristão desenvolver um relacionamento de dependência de Deus, sem o qual suas atitudes serão infrutíferas (Sl 127:1).

3. Era uma testemunha convicta de Deus (2:28) "Há um Deus no céu"- Para Daniel Deus era alguém real e sua convivência com Ele verdadeira. Era daí que

vinha toda esta convicção. Por sua causa o nome de Deus foi exaltado (2:47). Um testemunho convicto vem de uma convivência íbntima. Como você avalia o seu relacionamento com Deus?

4. Coragem para confrontar (4:24) Daniel não teve dúvidas em exortar o rei Nabucodonosor ao arrependimento, confrontando-o com seu pecado. O líder cristão precisa ter esta disposição de confrontar a si mesmo e também aos outros quando isso for necessário.

5. Integridade (6:5) Como no caso de José. Cabe acrescentar aqui que o testemunho de integridade vem dos próprios inimigos de Daniel, o que mostra a força do seu caráter.

6. Fidelidade a Deus (6:10) Daniel era fiel a Deus e para ele importava viver os Seus princípios a qualquer custo. Na questão da fé, Daniel não negociava. Não é verdade que às vezes abrimos mão dos princípios de Deus quando estamos prestes a entrar na "cova dos leões?" Será que estamos dispostos a pagar o preço de viver um cristianismo autêntico?

7. Era alguém da intimidade de Deus (7:1, 8:1 , 9:1-3) Daniel era alguém a quem Deus revelava Suas intenções, o que significa que aquele jovem possuía uma certa intimidade com Deus. Caso contrário ele não seria reconhecido como aquele em quem existia um espírito extraordinário. Será que a "intimidade de Deus" está reservada apenas para algumas pessoas especiais?

Conclusão

Vimos, portanto, dois jovens que foram tornados líderes por Deus. Duas pessoas com características diferentes, educação distinta, mas que tomaram a mesma conclusão: levar Deus a sério e viver a sua fé em todas as circunstâncias de suas vidas. Isso fez diferença e os tornou moços relevantes na história do povo de Deus. Eis aí um desafio para todos nós!

Perguntas para reflexão

1. Você considera a sua vida relevante?
2. Você se sentiu desafiado pelos modelos de liderança de José e Daniel?
3. Que qualidade nesses dois jovens mais chamou a sua atenção?
4. Que impedimentos você vê em sua vida para se tornar alguém usado(a) por Deus, de uma maneira tão eficaz como foram José e Daniel?

Lição 8

QUALIDADES DO LÍDER CRISTÃO

OBJETIVOS

1. Estudar as qualidades que sustentam a imagem do líder diante do grupo;

2. Entender que as qualidades devem ser perseguidas e desenvolvidas. Todas ela[s] são importantes para o bom relacionamento do líder com o seu grupo e, por isso, nenhuma deve ser desprezada, ou, ainda, valorizada em detrimento das outras;

3. Capacitar o líder e levá-lo a uma auto-avaliação do seu ministério de liderança.

INTRODUÇÃO

O líder é um eterno jardineiro. Está sempre buscando novas maneiras, meios e métodos a fim de melhorar o seu jardim. Ele sabe que se cultivar bem, poderá contemplar uma bela paisagem e as pessoas, ao contemplarem o seu jardim, estarão observando a própria imagem do jardineiro.

O líder sabe da importância de sua missão e, por isso, cultiva as suas qualidades, porque são elas que sustentam sua imagem como líder diante do grupo. Porém, quais são as qualidades que, geralmente, os liderados esperam que seu líder tenha? A resposta a essa pergunta, e também o cultivo das qualidades, proporcionarão, com certeza, uma boa e perfeita integração do líder com o seu grupo.

CONHECENDO AS SUAS QUALIDADES

Busque, através do painel abaixo, se auto-conhecer. Que nota você daria (de 1 a 5) a si mesmo, na relação de dez qualidades colocada abaixo?

Qualidade	Nota 1	Nota 2	Nota 3	Nota 4	Nota 5
Ambição					
Competência					
Visão					
Iniciativa					
Tenacidade					
Serenidade					
Confiança					
Simpatia					
Autenticidade					
Entusiasmo					

ENTENDENDO AS QUALIDADES DO LÍDER

1. *Ambição*: a ambição atua como mola propulsora de atitudes de liderança, especialmente numa sociedade de consumo como a nossa. Como conciliar a ambição com o sentido cristão da vida? É preciso esclarecer que a ambição comum é um estímulo ao desenvolvimento do eu como centro. Mas, na liderança cristã, a

ambição é cristocêntrica. O líder cristão tem, como ambição, ser instrumento de Deus para o crescimento e edificação do corpo de Cristo.
2. *Competência*: o líder precisa conhecer o conteúdo do seu trabalho, bem como o grupo com o qual trabalha. Também precisa descobrir as aspirações do grupo e ter capacidade para conduzi-lo em direção às mesmas.Para tanto, é necessário que o líder esteja em constante aprimoramento dos seus conhecimentos, para melhor atender aos problemas e situações novas do grupo.

3. *Visão*: ao adquirir maior conhecimento para controlar os fatos, o líder passa a ter uma melhor visão de conjunto e de particularidades. É necessário salientar que o líder precisa ter visão dos objetivos e dos seus motivos. Nào basta visão dos fatos, simplesmente. Um líder com visão leva sua equipe a atingir cada vez mais os seus objetivos.

4. *Iniciativa*: de forma simples, é a coragem de assumir responsabilidade. O líder sem iniciativa é um desastre para o grupo. O líder cristão precisa da capacidade de ação; é ele que muitas vezes "puxa" o grupo, e que, em outras, "empurra" o grupo. Ele não espera que as coisas aconteçam; ele as faz acontecerem, em função dos objetivos que tem em mente.

5. *Tenacidade*: é muito fácil encontrarmos "planejadores", mas muito difícil encontrarmos "executores". Uma expressão até já ficou famosa: "é mais fácil planejar do que executar". Por isso, a tenacidade é importantíssima. O líder cristão, tenazmente, luta para contornar os obstáculos. É alguém que sempre avança, que enfrenta o desânimo, pois sua fé está alicerçada em Cristo.

TAREFA

Leia Atos 13:1 - 14:28. Procure no texto as qualidades de liderança, acima descritas, e demonstradas por Paulo. Partilhe seu estudo com a classe.

6. *Serenidade*: "calmo, sereno e tranqüilo", diz uma canção. Pois serenidade é auto-controle. É saber enfrentar os problemas com a devida calma e segurança, mesmo quando houver alguma incerteza. Diante dos problemas, o líder cristão precisa demonstrar tranqüilidade, auto-controle e segurança.

7. *Confiança*: precisamos entender que o líder não é um super-herói, não é um super-líder. Por isso, precisa aprender a confiar nos outros. Precisa aprender a

acreditar na capacidade do grupo. O medo, ou ainda, a desconfiança, pode gerar no interior do grupo a insegurança, ou, ainda, o medo do fracasso.

8. *Simpatia*: não é desfilar um "sorriso amarelo" para todos. Significa algo mais profundo, ou seja, compreender o grupo e, em particular, as pessoas. Quando isso acontece, onível de relacionamento se torna mais profundo e o líder se torna capaz de sentir os mais diversos sentimentos das pessoas: alegria, tristeza, anseio, desapontamento, etc. Nossa simpatia cresce quanto mais profundo for o nosso relacionamento com as pessoas e com o grupo.

9. *Entusiasmo*: é viver positivamente. É ter esperançaa nas pessoas e crer que o trabalho a ser desenvolvido por elas será satisfatório. Um líder sem entusiasmo é pessimista e negativista. O entusiasmo é contagiante e, certamente, o grupo reage positivamente a um líder entusiasta.

10. *Autenticidade*: o líder deve ser "transparente". Paulo diria "uma carta aberta". Isso indica que ele precisa ter coerência em sua vida, e não viver a partir do conhecido provérbio: "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço." A autenticidade nos leva a sermos verdadeiros conosco mesmos, com os outros, e com o próprio Deus. Não é preciso ficarmos usando máscaras.

PARA MEDITAR

Que qualidades de vida você tem demonstrado em seu trabalho de liderança? Se você não é líder, que qualidades tem visto nos seus líderes? Como você pode desenvolver estas qualidades, na presença de Deus?

CONCLUSÃO

As qualidades são como flores de um jardim. Potencialmente, elas são belas e formosas. Mas é preciso cuidar de cada uma. Caso contrário, a beleza pode se tornar feiúra, e o agradável, amargo. Permita que Deus esteja trabalhando essas qualidades em sua vida. E, com certeza, você será profundamente abençoado por Deus, e será um instrumento da Sua bênção para a Igreja.

Pergunta para reflexão

Qual é o significado prático da exortação de Paulo a timóteo, em I Timóteo 3:1-7, aplicada ao líder jovem?

Lição 9

FUNÇÕES DO LÍDER CRISTÃO

OBJETIVOS:

1. Mostrar que o líder é também um administrador e, por isso, possui planos, metas, e sabe onde quer, e como chegar;

2. Descobrir que administrar um grupo envolve vários aspectos, que vão desde a atenção e conhecimento das pessoas, até o trato com dinheiro;

3. Analisar os três passos fundamentais que o líder precisa dar a fim de atingir suas metas dentro do grupo.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes assumimos cargos e responsabilidades na igreja, sem ao menos termos idéia daquilo que precisa ser realizado. Quais são as funções básicas de um líder cristão? Quais os passos necessários a fim de administrarmos bem o nosso grupo?

Alguns líderes não têm uma boa e agradável visão de administração de sua tarefa e, por isso, seus grupos vivem como se estivessem desorientados. Porém, a função do líder não é a de desorientar, mas, sim, de fazer o seu grupo funcionar da melhor forma possível. Dessa forma, vamos meditar sobre três aspectos da administração, que são essenciais para o relacionamento do grupo. Aspectos que são necessários para que o líder possa atingir suas metas dentro do grupo.

PRIMEIRO PASSO: PLANEJAR

Planejar é "a arte de fazer com que as coisas aconteçam". Um bom líder é também um bom planejador. Mas devemos perceber que planejar não é somente "sonhar" planos e projetos. É preciso estabelecer alvos definidos, a curto, médio e longo prazos. Você não pode planejar o que vai fazer, sem saber o que realmente quer. Na verdade, o líder cristão sabe o que quer, onde e como chegar lá.

Contudo, será que é fácil planejar? A resposta é simples: *não*. Isso porque o planejamento exige tempo, estudo e disposição. Para estabelecer alvos, é necessário conhecimento tanto do potencial do grupo, como dos meios para chegar aos alvos, além de uma pre-visão dos alvos realizados.

Algumas perguntas são essenciais no processo do planejamento:

O que fazer?

Onde fazer?

Quando fazer?

Como fazer?

Por que fazer?

Os alvos e metas sempre existem em relação ao grupo com o qual vivemos e trabalhamos. Por isso, é importante que você valorize e estimule o seu grupo. Não queira usar as pessoas para a satisfação de uma vaidade pessoal. Lembre-se: o grupo e maior do que você.

Além disso, é extremamente necessário observar alguns outros ítens, ao planejar as atividades:

1. Estabeleça o *ponto* em que o grupo se encontra agora;

2. Trace *objetivos* a curto prazo;

3. Estabeleça *alvos* a médio e longo prazos;

4. Destaque as *prioridades*;

5. Identifique os *obstáculos*;

6. Descubra e reúna os *recursos* necessários;

7. Distribua *responsabilidades*;

8. Seja *flexível*.

SEGUNDO PASSO: EXECUTAR

É suficiente o primeiro passo? Claro que não. Agora chegou a hora da execução. Este é o troféu que o líder recebe por seu bom planejamento. Nesse ponto, é prudente que o líder perceba que, ao executar o que foi planejado, ele servirá de coordenador/assessor, ou facilitador do trabalho. O facilitar, ele harmoniza o trabalho e liderados com um todo.

Logicamente, já deu para perceber que a execução da tarefa não pertence nem a *a*, nem a *b*. Não existe "chefe", "coronel" ou, ainda, "dono" do projeto a ser executado. A tarefa passa a ser do grupo e, por isso mesmo, deixa de ser individual para ser comunitária.

O fato do líder ser o facilitador, dá-lhe a visão do que faltou quando do planejamento, e ainda permite oferecer ao grupo a segurança de que, se algo falhar, ele ali estará a fim de ajudar.

Na realidade, quem está realizando o trabalho é a comunidade - a força coletiva do grupo - e o facilitador vive uma fase de *motivar* e dar novos impulsos ao grupo.

TERCEIRO PASSO: AVALIAR

Avaliar é determinar o valor do que se realizou. É quando sentamos para fazer uma apreciação. Sem avaliação não se pode retomar as possíveis falhas dos passos anteriores e, assim, corrigir os erros. A avaliação é um exercício de coragem. Ela permite que nos habituemos a uma auto-crítica e auto-avaliação, além de permitir que outros nos avaliem. Isso, sem dúvida, é uma grande porta que se abre para melhorar a nossa personalidade como líder cristão, bem como a de nossos liderados.

Todavia, como avaliar? A avaliação deve sempre partir dos objetivos traçados. Após analisá-los, é possível verificar se realmente era aquilo que o grupo estava pensando. Se alcançamos os objetivos. Se realizamos o trabalho da melhor forma possível. Se podemos partir para novas tarefas.

Algumas perguntas facilitam a tarefa da avaliação:

1. Quais os objetivos/alvos não atingidos? Por que isso aconteceu?
2. Quais os objetivos/alvos de que o grupo mais gostou?
3. Por que o grupo reagiu positivamente a esses objetivos/alvos?
4. Quais as pessoas escaladas para dar execução ao planejamento, que não cumpriram seu dever? Por quê?
5. Quem conseguiu desempenhar bem sua tarefa? Por quê?
6. Que tipo de emoção o grupo, ou os participantes, sentiram durante o planejamento e execução?
7. Analise cada atividade separadamente, e verifique os fatos positivos e negativos durante a execução das mesmas.

CONCLUSÃO

Depois da avaliação, novos objetivos são traçados, novos alvos estabelecidos, e novo planejamento é feito para posterior execução. Como você pode observar, é um círculo fechado: planejar, executar e avaliar.

Quando não se cumpre uma dessas etapas, as outras são grandemente prejudicadas. Cabe ao líder providenciar para que as três etapas sejam observdas criteriosamente, no sentido de obter o crescimento e maturidade do grupo pelo qual é responsável.

Lição 10

JESUS O FILHO DE DEUS

OBJETIVOS:

1. Confirmar nossa convicção na divindade de Jesus Cristo;

2. Compreender os privilégios dados ao crente, advindos da obra realizada pel
Filho de Deus;

3. Sermos desafiados a tomar posse dessa realidade, com o compromisso de servi
verdadeiramente ao Filho de Deus.

INTRODUÇÃO

As Escrituras ensinam que, assim como ocorreu a permissão da queda do homem ou a perdição da humanidade em Adão, a sua redenção em Jesus Cristo, o segundo Adão, foi estabelecida no "princípio", antes que houvesse o mundo (I Pe l:19,20). Deus determinou os meios dessa redenção pela encarnação e sacrifício de Seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

l. A DIVINDADE DE JESUS

Compreender as naturezas de Jesus foi uma preocupação que tomou lugar desde o primeiro século da vida de Igreja. Na busca da compreensão da deidade de Jesus, foram surgindo opiniões teológicas e teorias que poderão ser assim agrupadas:

a) os que negavam a sua divindade, crendo que Jesus era apenas um homem com dotes especiais;

b) os que, ao contrário desses, afirmavam que Jesus era apenas divino, sendo a sua humanidade uma aparência ou, ainda, que tinha o corpo e o espírito humanos, a mente fora "ocupada" pelo "VERBO";

c) os que admitiam a existência das duas naturezas, a humana e a divina, porém negavam sua unidade, ou ainda, os que afirmavam que da união de ambas surgira uma terceira natureza;

> **TAREFA**
>
> Ainda existem, hoje, seitas cristãs que adotam alguma dessas perspectivas erradas sobre a divindade de Jesus? Quais? Você está preparado para conversar sobre este tema com membros dessas seitas?

d) os que sustentavam o ensino bíblico, no qual está evidente que Jesus possuía uma personalidade constituída das duas naturezas, a divina e a

humana, sendo ambas perfeitas, unidas e inseparáveis, posição adotada também pelas Igrejas Reformadas.

Sobre a divindade de Jesus há 54 afirmações nos Evangelhos, 42 nas Epísto 3 em Atos e l no Apocalipse. Eis alguns desses textos:

a) apresentando Jesus como Deus (Hb 1:8), Filho de Deus (Mt 16: 16-20, 26: 19-16);

b) mostrando Suas características ou atributos, como Onipotência (Mt 28:18), Onisciência (Jo 1:48), Onipresença (Mt 18:20), Imutabilidade (Hb 13:8), Vida (Jo 1:14, 5:26), Verdade (Jo 14:6);

c) revelando suas obras, como a criação (Jo 1:3), sustentação do universo (Cl 1:17), perdão de pecados (Lc 7:48-49), ressurreição dos mortos (Jo 11:25, 43 e 44, Mt 11:5, Jo 5:25), julgamento (Jo 5:27), envio do Espírito Santo (Jo 15:26);

d) recebendo adoração por anjos (Hb 1:6), homens (Mt 14;33) por todos (Fp 3:20);

e) apresentado na Trindade, sendo igual ao Pai (Jo 14:23, l0:30), ao Pai e ao Espírito Santo (Mt 28:l9, II Co 13:13).

Assim, as provas bíblicas, advindas dos nomes divinos, dos atributos, d honrarias apresentadas a Ele, como louvor e glória, das obras por Ele realizad são tão evidentes e abundantes que "ninguém que aceite a Bíblia como pala infalível de Deus pode ter alguma dúvida sobre a divindade de Jesus". (L. Berkh

2. A obra redentora, para ser plenamente eficaz, exigia um Redentor Divin

A obra expiatória realizada por Jesus tipificada no Antigo Testamento sacrifícios vicários (Lv 4:27 a 6:7). No entanto, periodicamente eles precisavam repetidos pois não eram definitivos. Porém no calvário foi definitivo, pois próprio Filho de Deus foi imolado. Louis Berkhof afirma que "no plano divino salvação era absolutamente essencial que o Mediador também fosse verdade Deus. Isto era necessário para que fosse apresentado um sacrifício de infinito va e desse perfeita obediência à lei de Deus; suportasse a ira de Deus com propó

redentor , isto é, para libertar aos outros da maldição da lei; para poder aplicar todos os frutos de seu trabalho cumprido àqueles mediante a fé" .

No Catecismo Maior está explícito: "Era preciso que o Mediador fosse Deus: 1) para poder sustentar a natureza humana e guardá-la de cair debaixo da ira infinita de Deus e do poder da morte; 2) para dar valor e eficácia a seus sofrimentos, obediência e intercessão; 3) para satisfazer a justiça de Deus, conseguir o seu favor, adquirir um povo peculiar, dando-lhe o seu Espírito, vencer todos os seus inimigos e conduzi-lo à salvação eterna".

Em Cristo, o Filho de Deus, a redenção foi feita na expiação ocorrida com sua morte, onde Ele foi o "Cordeiro de Deus" e o Sacerdote perfeito (Hb 5:8-10, 7:23-28, 9:11-14). Observe que o autor da Epístola aos Hebreus ressalta: a) a necessidade que os sacerdotes tinham de purificar-se primeiro, para poder entrar no "Santo dos Santos", onde intercedia pelo pecador em busca do perdão (7:27 - "que não tem necessidade como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro pelos seus próprios pecados...); b) a necessidade da repetição dos sacrifícios (9:7); c) que os sacerdotes eram mortais, transitórios (7:23), ao contrário de Jesus, o Sacerdote eterno.

PARA MEDITAR

Leia Hebreus 8:6-13 e medite, em atitude orante, sobre o significado da Nova Aliança para a sua vida e seu ministério.

Fica claro que Jesus, sendo Filho de Deus, portanto, divino, tornou-se o sacerdote perfeito, sem mácula, inculpável, santo, separado dos pecadores e feito mais alto que os céus (7:26). Claro está, também, que Ele é o próprio Tabernáculo, o Santo dos Santos, e o Cordeiro imolado (9:11-14).

Por ser Ele divino Filho de Deus, sua obra redentora foi perfeita e definitiva, o que assegura ao crente o privilégio da salvação. A segurança dessa fato lhe dá a alegria e o gozo aqui na vida terrena, da salvação.

3. Os desafios aos que estão comprometidos com essa realidade

Jesus, o unigênito Filho de Deus é a prova de grande amor que Deus revelo
humanidade (Jo 3:16 e Rm 5:8). Amor revelado no Calvário, onde Jesus culmi
sua obra redentora perfeita e completa. O Filho de Deus ofereceu-se alí para
dar vida eterna, plena e abundante.

Ao chamar-nos para recebermos a vida, Jesus disse: "Se alguém quiser vir a
mim, negue-se a si mesmo, tome a cruz e siga-me"(Mc 8:34). Estabelece-se ass
os limites do nosso comprometimento com Ele e com Sua obra, resumidos
expressões "negar-se", "tomar a cruz", e "seguir". Aí estão os desafios da renún
da obediência ou entrega incondicional, e da missão.

Ao compreendermos a extensão da obra redentora do Filho de D
compreenderemos também que estamos inseridos no Seu Reino, que somos a S
Igreja e, portanto, comprometidos com a Sua obra, com a Sua missão. Co
filhos de Deus temos a missão da cruz, isto é, o chamado para proclamar
Salvação, a obra da Justiça divina realizada por Ele ao entregar-se ao sacrifício
cruz como filho de Deus.

Conclusão

A Igreja é o resultado a associação de todos aqueles que foram beneficiad
pela vida e obra do Filho de Deus, o nosso Senhor Jesus Cristo. A expressão
vida, da adoração, louvor e serviço na Igreja dependerá sempre da visão q
tivermos da encarnação e da obra redentora realizada pelo Filho de Deus.

Perguntas para reflexão

1. A compreensão da doutrina bíblica da divindade de Jesus Cristo
fundamental para a fé cristã. Você tem plena convicção dela? Como vo
tentaria tirar as dúvidas de alguém que lhe perguntasse sobre este assunto.

2. Como a nossa visão da pessoa de Jesus Cristo poderá afetar, na prática,
vida da nossa igreja local?

3. Na adoração, temos celebrado a divindade de Jesus Cristo com inteligênci
rigor teológico? Que tal analisar os "corinhos da moda" sobre Jesus, a fim
verificar se eles correspondem à grandiosidade da pessoa divina do Filho?

Jesus preferiu ser chamado de "Filho do Homem"

O texto básico da lição de hoje conta um episódio da vida de Jesus ocorrido n povoados de Cesaréia de Filipos. De acordo com o evangelho de Marcos, Jesus havia se tornado uma figura popular e conhecida. Tinha alimentado, numa ocasi a cinco mil pessoas (Mc 6: 30-44). Depois, repetira o milagre de multiplicação d pães e peixes para outras quatro mil pessoas (Mc 8: 1-10).

Graças a seus milagres e à sua pregação, Jesus passara a ser objeto d discussão. O texto deixa isso muito claro, quando diz que Jesus perguntou a se discípulos o que falavam a respeito dele. A resposta mostra que havi controvérsias: "Alguns dizem que o Senhor é João Batista; outros que é Elias outros, que é um dos profetas..." (Mc 8:28). Foi em tais circunstâncias que Jes perguntou aos próprios discípulos o que eles pensavam a seu respeito. Ped respondeu dizendo: "O senhor é o Messias" (Mc 8: 29).

De acordo com o texto do evangelho, Jesus ordenou que os discípulos nã contassem a ninguém que ele era o Messias (Mc 8: 30). E, imediatament começou a falar a respeito de si mesmo, utilizando as seguintes palavras: "O Filh do Homem terá de sofrer muito. Será rejeitado... Será morto e, três dias depois ressuscitará" (Mc 8:3l).

PARA MEDITAR

E para você, o título Filho do Homem tem alguma importância e significado? Ou você, também, em sua vida devocional, tem negligenciado este título do Filho de Deus?

Fica evidente que Jesus não rejeitou o título de Messias. De acordo com a narrativa de Mateus, Jesus chegou até a afirmar que a confissão de Pedro viera de Deus (Mt l6: l7). Mas, ao mesmo tempo, Jesus demonstrou preferir ser chamado de "Filho do Homem", pois foi este o título que usou para falar sobre a sua obra.

Qual a razão de tal comportamento? Por que os discípulos tinham de esconder dos outros que Jesus era o Messias?

Acontece que, nos tempos do Novo Testamento, o termo Messias era entendido politica e nacionalisticamente. Os judeus pensavam no Messias como um rei poderoso que viria para restaurar a glória de Israel. De acordo com isso, o Messias conduziria os judeus à vitória sobre todos os seus inimigos, fazendo-os dominar sobre seus adversários. Até mesmo os

discípulos eram influenciados por tais idéias. O evangelho de Marcos afirma que, quando Jesus falou no sofrimento e morte do Filho do Homem, Pedro o levou para um lado e começou a repreendê-lo (Mc 8: 32).

Isso é muito significativo! O mesmo Pedro que tinha confessado que Jesus era o Messias rejeitava a pregação da condenação e crucificação do Senhor! Isso quer dizer que também Pedro pensava a respeito do Messias como um rei poderoso que daria grandiosidade a Israel.

Foi por isso que Jesus preferiu ser chamado de Filho do Homem. O título Filho do Homem não era mal interpretado como o título Messias. Com o título Filho do Homem Jesus podia explicar melhor o sentido de sua missão.

PARA MEDITAR

Na atualidade, esse tipo de confusão ainda acontece? Que conceito e prática de poder associamos ao título Cristo?

A origem do título Filho do Homem

Devemos perguntar agora: de onde Jesus tirou esse título? Será que foi um título inventado por ele mesmo?

Na verdade, a origem desse título está no livro do profeta Daniel. Ali é apresentada a visão de quatro animais. Segundo o próprio texto bíblico, tais animais representavam os reis de quatro grandes impérios que iriam dominar o mundo (Dn 7: 17). Depois da visão dos quatro animais, o profeta viu um ser parecido com o Filho do Homem, vindo das nuvens do céu. "E deram-lhe o poder, a honra, e a autoridade de rei, a fim de que os povos de todas as nações, línguas e raças o servissem. O seu poder é eterno e o seu reino não terá fim" (Dn 7: 13).

Nos livros do Antigo Testamento, não existem outras referências messiânicas ao Filho do Homem (Só aparece em Ezequiel, referindo-se ao próprio profeta). Sendo assim, não se tornou um título muito conhecido ou divulgado entre os judeus. Por isso mesmo, era um título que Jesus podia utilizar sem ter medo de ser mal interpretado. Em outras palavras, era um título baseado nos textos proféticos do Antigo Testamento que estava à disposição de Jesus para explicar o sentido de sua missão.

Sentidos do Título Filho do Homem

Ao empregar o título Filho do Homem, Jesus atribuiu-lhe dois gra significados:

Por um lado, Jesus seguiu exatamente a mensagem profética de Daniel visão do profeta, o Filho do Homem vem do céu e recebeu todo o poder várias ocasiões, Jesus falou da mesma maneira a respeito do Filho do Hom Destacamos, especialmente, o texto da pregação de Jesus sobre o julgamento f que aparece no evangelho de Mateus 25: 31-32. Temos aqui a mesma idéia com na profecia de Daniel, a saber, o Filho do Homem vem no final dos tempos, p reinar e dominar sobre todas as coisas. Nesse sentido, o filho do Homem age co rei, decidindo sobre todos os povos.

Por outro lado, Jesus também utilizou o título Filho do Homem para fal respeito de seu sofrimento e humilhação. Assim, o Filho do Homem é aquele "não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para salvar m gente" (Mc 10: 45), sem "ter onde reclinar sua cabeça" (Mt 6:20).

Aliás, é muito interessante observar que, na pregação de Jesus a respeito julgamento final, os dois sentidos do título Filho do Homem estão presentes Filho do Homem que virá como rei, com todo poder, é o mesmo que diz: "Eu t fome... tive sede... era estrangeiro... estava sem roupa" (Mt 25: 35-36). Em out palavras, o Filho do Homem, que virá exaltado, veio humilhado.

> **TAREFA**
>
> LEIA Filipenses 2:7-11. Quais são os dois significados do título Filho Homem, também presentes neste texto? Que lições práticas você extrai para sua vida?

Uma Visão gloriosa do Filho do Homem

Um dos textos mais comoventes da Bíblia é aquele que apresenta a história d primeiro martírio na Igreja. Estêvão tinha sido eleito diácono. Cheio de fé e d Espírito Santo, ele se destacou na proclamação do Evangelho. Os que se opunhar providenciaram sua prisão e condenação. Foi precisamente em tais circunstânci que o texto bíblico registrou as seguintes palavras: "Estêvão, cheio do Espíri Santo, olhou para o céu e viu a glória de Deus. E viu também Jesus em pé, ao lad

direito de Deus. Então disse: Olhem! Estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem em pé ao lado direito de Deus!"(At 7: 55-56).

Esse texto é muito significativo! O fato é que, no momento em que estava sendo martirizado, Estêvão viu Jesus ao lado de Deus e utilizou a expressão Filho do Homem. A utilização do título Filho do Homem pelo mártir era um sinal de *identificação*. Assim como o Filho do Homem tinha sido humilhado e morto, da mesma forma Estêvão foi condenado e executado. Além disso, a utilização do título Filho do Homem pelo mártir era um sinal de *esperança*. Estêvão viu o Filho do Homem não como um derrotado na cruz, mas no céu, ao lado de Deus, com todo o poder.

Será que não precisamos resgatar o título Filho do Homem hoje? Uma coisa é certa: se dermos ênfase ao fato de que Jesus é o Filho do Homem, haveremos de aprender que o caminho da glória é o caminho da cruz!

Perguntas para reflexão

I. Como Jesus é visto e entendido pelo povo brasileiro?

2. A utilização do título Filho do Homem poderia nos ajudar a re-enfatizar a humanidade de Jesus? Será que isso não está sendo algo necessário em nossa realidade?

3. Como Igreja, temos procurado nos identificar com Jesus como o Filho do Homem que se humilha para servir?

4. Em momentos de aflição, como podemos ser consolados pela meditação no caráter de Jesus como Filho do Homem?

Lição 12

O ESPÍRITO SANT[O] RENOVA A CRIAÇÃ[O]

OBJETIVOS

1. Descobrir o papel e a presença do Espírito Santo na criação do universo;
2. Afirmar nossa fé no Espírito como "Deus entre", o mediador entre Deus e universo criado;
3. Refletir sobre a relação entre Jesus e o Espírito como modelo para nossa vida [no] Espírito.

O Espírito Santo: Criador e Redentor

O Espírito Santo é o manancial, a energia e o fundamento da vida espiritual. Isto provém da convicção da fé bíblica em que o Espírito divino é o alento que dá vida, gera energia e satisfaz as necessidades do mundo. Quando falamos do Espírito Santo, referimo-nos a Deus em ação. O Espírito é a transcendência - de Deus - fazendo consciente a sua presença. O Espírito é o "Deus entre" (si mesmo e o mundo criado).

TRANSCENDÊNCIA- O atributo divino de estar além de sua criação, ser superior a ela, não possuir os limites daquilo que é criado.

O Espírito é a força mediadora da deidade. Cada aspecto do desígnio de Deus - desde a criação do mundo até a consumação de toda as coisas - está associado com o Espírito. Isto implica que a identidade pessoal do Espírito se revela em eventos e fatos concretos. Dado este fato da fé bíblica e da teologia cristã, proponho-me a descrever o Espírito Santo como fonte de nossa peregrinação espiritual em termos do poder de Deus manifesto na criação e na redenção.

O Espírito Criador

Deve-se ter em mente a realidade primordial sobre o Espírito: Ele é o Criador em ação. Segundo o livro do Gênesis, o Espírito de Deus é o alento que se movia sobre a face das águas, dando forma à terra e enchendo o vazio (Gn 1:2). Foi pelo Espírito que Deus criou o mundo do nada: "os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles" (Sl 33:6). Neste versículo a palavra de Deus recebe a força criativa do alento de Deus. O Espírito é a energia da palavra; a palavra atua pelo Espírito.

O poder criativo do Espírito coloca-se em evidência especialmente na vida humana. Há uma relação de dependência entre o espírito humano e o Espírito de Deus, expressa vividamente pelo livro de Jó (33:4; 27:3-4). Estes dois versículos, tomados de duas passagens distintas, dão testemunho do Espírito como fonte da vida humana. A humanidade não somente recebeu seu ser por meio do Espírito, mas também recebe sua energia espiritual no Alento de Deus. De fato, pelo Espírito o gênero humano toma consciência da existência de "outros" e recebe a capacidade para comunicar-se, ou formar uma comunidade, com eles.

Falar do Espírito como o doador da vida é também reconhecer um processo contínuo de criação. O Espírito não somente dá existência (cria) às criaturas de

Deus, mas também "renova a face da terra", quer dizer, a ordem criada (Sl 104:20). O Espírito criador faz novas todas as coisas.

PARA MEDITAR

Vincent Taylor sustenta que três características da atividade criadora do Espírito (1) maior consciência da existência de "outros"; (2) estímulo da iniciativa e da elei (3) o princípio da vida através da morte, de auto-sacrifício pelo interesse de uma leal superior, que contrasta com o princípio da auto-conservação.

Esta realidade primordial do Espírito tem uma importância crítica para participação adequada da igreja na missão de Deus. O ponto de partida da mis cristã deve ser o campo terrenal da atividade primária de Deus como criador sustentador da vida. Por um lado isto significa que devemos tomar a totalidade vida como esfera de missão. Nenhum aspecto dela deve ser deixado fora interesse missionário. Por outro lado, significa que o que distingüe nossa vida Espírito é a sensibilidade para com os outros e a comunicação com eles. Nem atitude de superioridade, nem a divisão em compartimentos, podem ser toleradas

O Espírito Redentor

Sem dúvida, sabemos pela fé bíblica e pela observação científica que a criação não somente é dinâmica e contínua, mas também propensa à decadência e à mo De fato, a criação de Deus tem sido contaminada pelo mal e pelo pecado. N obstante, o Espírito segue insuflando vida no cosmos. De acordo com isto, Escrituras dão testemunho do Espírito como criador e *restaurador* do mundo. Espírito é o poder redentor de Deus.

O papel redentor do Espírito, em o Novo Testamento, está intimamente lig ao da pessoa e obra de Jesus o Messias. De fato, Jesus começa seu ministé afirmando que possui o Espírito messiânico (Lc 4:18-19), uma afirmação q sustentará firmemente até o fim de sua vida e ministério. Pela mesma razão, epístolas falam de sua morte, ressurreição e presença contínua na história relação com o Espírito. Segundo o Novo Testamento, Jesus nasceu pelo poder Espírito (Mt 1:18; Lc 1:35). A encarnação é um feito direto do Espírito Santo. Espírito esteve com ele desde a infância (Lc 2:40) e desceu sobre ele em s batismo (Mc 1:10), levou-o ao deserto (Mc 1:12), e o trouxe de volta à Gali com poder para pregar, curar e libertar (Lc 4:14). De modo que Jesus foi ungi pelo Espírito para cumprir missão messiânica, para o que recebeu inspiraçã

direção. O Espírito é o poder por meio do qual ofereceu sua vida como sacrifício redentor (At 9:13), e é também o fundamento de sua ressurreição (Rm 1:4).

A relação recíproca entre o Espírito e Jesus mostra a obra da Trindade. O Espírito como o "Deus entre" é o vínculo entre a missão de Jesus - o Filho de Deus - no mundo e o futuro na glória do Pai, assim como o Espírito é o agente do Pai na encarnação da Palavra eterna. Portanto, Jesus foi enviado e depois reunido com o Pai, *no* e *pelo* poder do Espírito. Esta é a base para a reconciliação do mundo com Deus através do Filho. O Pai une os crentes com o Filho por meio do Espírito. Assim, os crentes podem participar na continuação da missão de Cristo na terra, tal como Jesus o havia prometido (Jo 14:26; 16:7; 20;22; Atos 1:4-8). Nesta relação, o Filho também intercede pelos crentes por meio do Espírito (Rm 8:26-30; 13:13; I Jo 2:1), e mantém viva a esperança de redenção da criação (Rm 8:18ss).

Conclusão

O Espírito, força e presença de Deus na criação, é o agente divino da renovação do mundo criado. A redenção providenciada pelo Filho, portanto, não só é a redenção da humanidade, como também a redenção de todo o mundo criado - assim afirma o texto básico de nossa lição (Rm 8:19-23). Isto nos faz, em primeiro lugar, glorificar a Deus por sua misericórdia e poder que se dirigem a todas as coisas criadas. Por outro lado, nos faz refletir sobre a nossa responsabilidade missionária perante a criação. A redenção do ser humano é o centro, mas não a totalidade da obra salvífica do Deus Triúno. Assim também, a Igreja em missão há que cuidar redentoramente da maltratada natureza, pois ela também é objeto do amor redentor de Deus, no Espírito.

Perguntas para reflexão

1. "O Espírito é a força vital de Deus presente nas coisas criadas". Como explicar esta afirmação aos nossos filhos e filhas, e aos novatos na fé; especialmente neste nosso tempo de visão materialista da coisas?

2. A relação de Jesus com o Espírito serve como paradigma, como modelo da relação entre o cristão e o Espírito. Aliste formas bem concretas da atuação do Espírito em nós, e discutam - em classe - a presença, ou não, dessa atuação na vida da igreja.

Esta lição, bem como a próxima, foram adaptadas da palestra "A Vida no Espírito", proferida pelo Rev. Dr. Orlando E. Costas, e publicada no *Boletim Teológico* da Fraternidade Teológica Latino-Americana, seção Brasil, número 10, pp. 51ss - e usada com permissão. O Dr. Orlando Costas, falecido em decorrência de um câncer, contribuiu várias vezes com a nossa Igreja, especialmente em encontros de pastores, e publicamos este material como um tributo a sua vida e seu ministério.

Lição 13

O ESPÍRITO SANTO RENOVA A HUMANIDADE

OBJETIVOS

1. Analisar a obra renovadora do Espírito Santo na humanidade;

2. Definir a vida no Espírito de forma plena e transformadora;

3. Crescer em discernimento espiritual e sensibilidade missionária, mediante conhecimento da ação do Espírito em nós.

Introdução

Estudamos, na lição anterior, a ação renovadora do Espírito Santo em relação a toda a criação. Nosso tema, hoje, é a ação renovadora do Espírito Santo em relação ao ser humano em geral, e aos cristãos em particular. Para aproveitarmos bem esta lição, precisamos manter em mente o que já aprendemos sobre o Espírito Santo nesta Unidade de nossa revista.

Estamos chegando ao final deste Quadrimestre, na esperança de termos caminhado bastante em nossa compreensão da fé cristã, de modo que sejamos capazes não só de crescer espiritualmente, mas, em especial, de sermos testemunhas efetivas e eficazes de Deus na terra. Para que isso aconteça, porém, nosso saber e nosso agir têm de ser santificados e utilizados poderosamente pelo Espírito Santo - autor, mantenedor e renovador da vida!

A vida criativa e redentora no Espírito

O Espírito Santo é a força criativa e redentora de Deus. Logo, a vida no Espírito deve ser tanto criativa como redentora. É criativa enquanto dá testemunho da atividade do Espírito na história e na ordem criada. E é redentora enquanto colabora com a obra reconciliadora do Espírito no mundo.

Como vida no Espírito criador, tudo o que aumenta a sensibilidade para com os outros, e, portanto, contribui para a formação de uma comunidade, lutando por uma sociedade mais justa e pacífica; tudo o que permite às pessoas viverem em liberdade, e, por conseguinte, fazer eleições responsáveis, e tudo o que constrange a fazer sacrifícios em prol do bem comum e do bem-estar ecológico da terra pode ser identificado com a obra criativa do Espírito. Viver no Espírito é glorificar a Deus por meio do reconhecimento destes fatos e eventos como "sacramentos da vida" (L. Boff), dando testemunho deles como sinais da obra *criadora* e permanente do Espírito.

A obra *reconciliadora* do Espírito, por outro lado, coloca-se em evidência em quatro áreas, pelo menos. *Primeiro*, o Espírito Santo produz consciência da história e compreensão do significado da pessoa de Jesus Cristo. O Espírito é a testemunha fundamental da historicidade de Jesus e o mestre por excelência da autenticidade de sua obra salvadora como Filho de Deus.

Em *segundo* lugar, o Espírito de Deus origina a mudança de orientação da vida de homens e mulheres que abandonam uma vida de pecado para se

comprometerem com Cristo. O Espírito os convence de seu fracasso mora[l], santidade de Deus e de sua responsabilidade última frente a Jesus Cristo c[omo] senhor do universo.

Em *terceiro* lugar, o Espírito antecipa a liberdade futura da nova vida [em] Cristo. O Espírito é "a garantia de nossa herança" (Ef 1:13-14). No Espírito so[mos] regenerados (Tito 3:5), nascidos para uma nova vida de esperança (I Pedro 1:3).

Em *quarto* lugar, o Espírito Santo faz da nova vida um sinal de esperança pa[ra o] mundo. Na nova vida no Espírito, toda a criação vê um sinal da transformação [que] lhe foi prometida. Como diz Paulo em Romanos 8:16-23, o Espírito dá testemu[nho] de nossa herança, e toda a criação encontra razão para esperar a redenção futu[ra e] a participação na nova criação.

PARA MEDITAR

Leia a seguinte afirmação e reflita sobre os sinais reais do poder do Espírito na igreja:

"O sinal que o Espírito provê para infundir esperança no mundo através da comuni[dade] eclesial se confirma pelo serviço libertador que presta o povo de Deus ao mundo. F[alar] de esperança para um novo mundo sem envolver-se em formas concretas de fazer [do mundo] um lugar melhor para viver é negar a própria esperança. Ter a esperança de que o mu[ndo] será redimido, e não executar ação redentora alguma no mundo, é uma blasfêm[ia]" (Orlando E. Costas)

Dimensões da Peregrinação no Espírito

A vida no Espírito é uma peregrinação de fé no Deus trino, uma viagem de to[da] a vida com a esperança posta na glória do reino de Deus. A esperança é [o] produto da fé que, por sua vez, se expressa com um envolvimento concreto. [A] espiritualidade é uma expressão prática da peregrinação, da práxis, [do] compromisso reflexivo, da fé. Como tal, é multidimensional. Fixaremos no[ssa] atenção em três dessas dimensões.

1. Discipulado

A vida no Espírito é, acima de tudo, seguir ao Cristo Pneumático. Todo o q[ue] se aproxima da fé vem como um aprendiz ou um seguidor de Jesus em sua mar[cha] em direção à consumação do reino de Deus. O padrão desta peregrinação [se] encontra nos Evangelhos. Neles, seguir a Jesus significa pelo menos três coisas: [

compromisso com Ele e suas maneiras de proceder; (2) obediência à sua Palavra; e (3) participação em sua missão.

O compromisso e a obediência se provam na missão. Seguir Cristo e escutar sua Palavra não é somente uma viagem de toda a vida, mas uma peregrinação pelo deserto da vida. O discipulado envolve sacrifício, um testemunho até a morte. Implica identificação pessoal com o sofrimento de Cristo e solidariedade com os sofrimentos de mulheres e homens em todas as partes do mundo; requer morrer para as ambições pessoais e uma disposição para suportar suas cargas por causa de Cristo. É uma empresa que recebe poder do Senhor ressurreto.

2. Diálogo

A vida no Espírito não é somente um seguimento custoso, mas também um caminhar com atitude de abertura para com os demais. Os crentes têm sido libertos para viverem com os outros. Isto significa viver como parte da comunidade humana, compartilhando suas lutas, temores e anseios. Em grande medida, implica estar aberto ao diálogo com gente de outras tradições religiosas.

O diálogo é uma atitude de respeito e sensibilidade para com os outros que pensam de maneira diferente, ou têm outras convicções. É um compartilhar e escutar-se mutuamente a partir da base de um compromisso próprio. Por sermos cristãos, vivemos pelo poder do Espírito Criador e Redentor, e não deveríamos ter temor de expor-nos ao testemunho de qualquer pessoa de boa vontade, ao dom e aos desafios da vida e a sua fonte e dinâmica.

O diálogo é, portanto, uma experiência de testemunho cristão em duas direções. A partir da perspectiva cristã, começa em silêncio, como uma atitude de escutar aos outros - e ao Outro que muitas vezes está oculto atrás de nosso próximo. Somente podemos compartilhar se nos tornamos vulneráveis, somente podemos dar testemunho de Jesus Cristo como vida e luz do mundo (Jo 1:4), se servirmos. Nosso conhecimento de Cristo não é uma posse pessoal, mas uma antecipação de sua identidade total. Devemos ser humildes e abertos porque é possível que haja coisas dele a aprender do testemunho de outros.

TAREFA

Leia Isaías 19:23-25, e reflita com a classe, sobre os perigos do orgulho espiritual, e sobre a misericórdia de Deus pelo mundo todo.

3. Discernimento

A vida no Espírito não somente envolve um caminhar em atitude de abertu diálogo com gente de boa vontade de outras tradições religiosas, mas tam requer discernimento espiritual (I Jo 4:1). Há espíritos bens e espíritos m forças criativas e forças destrutivas, movimentos que afirmam a vida e outros q negam. No contexto do diálogo inter-religioso isto significa, pelo menos, devemos avaliar todas as verdades religiosas à luz da revelação que temos rece de Cristo. Damos testemunho do fato de que em Jesus, o Messias, Deus a decisivamente - uma vez e para sempre - pelo poder do Espírito Santo para re o mundo do pecado e da morte. Qualquer verdade salvadora que possa haver outras religiões não pode contradizer nem substituir o significado salvador do de Cristo. (cf. I Jo 4:2-4)

Uma espiritualidade que discerne permite à Igreja distinguir entre o espírit verdade e o espírito de engano, entre o Deus vivente e os ídolos da morte, en Cristo e o anticristo, e entre o poder salvador do Evangelho e as afirma ilusórias das estratégias humanas de salvação. O discernimento espiritu necessário para um discipulado autêntico e uma relação madura de diálogo co que nos rodeiam. O discernimento é um dom para aqueles que andam segund Espírito em contemplação e obediência, em silêncio e em oração, na solidão d a e na comunidade dos fiéis.

Conclusão

Viver no Espírito é participar duplamente na Sua obra de renovação humanidade. Em primeiro lugar, como objetos da renovação espiritual. Fo salvos por Cristo, mediante a regeneração do Espírito. Em segundo lugar, co sujeitos da missão renovadora da humanidade e da criação. Regenerados p Espírito, participamos da regeneração que Deus almeja para toda a humanidad toda a criação.

Perguntas para reflexão

À luz dos estudos sobre o Espírito Santo, nesta Unidade, alistem e deba sobre *critérios* bíblicos para a busca e vivência da pessoa e poder do Espí Santo - individual e comunitariamente.

Lição 14

O JOVEM DIANTE DOS FATALISMOS

OBJETIVOS:

1. Analisar a posição do cristão diante dos fatalismos. Em outras palavras, isto quer dizer o seguinte: como cristãos, cremos em um Deus soberano; ao mesmo tempo, porém, o ensino bíblico ressalta a liberdade do homem. Isso faz com que o cristão não seja fatalista.

2. Mostrar como deve ser a vida livre do cristão. Muitas vezes, a liberdade é mal interpretada. Pensa-se em liberdade como ausência de compromissos ou de responsabilidades. Esta não é a liberdade cristã. A liberdade cristã é uma vida de "fé, esperança e amor".

A BOA OU MÁ ESTRELA

Era costume dos antigos se orientarem pelas estrelas. Os navegantes enfrentav mares, e os caravanistas enfrentavam o deserto confiando nas estrelas. Foi talvez pe dos antigos se orientarem pelas estrelas que se passou a falar do destino humano uma estrela. Assim, o povo diz que uma pessoa nasceu com uma boa estrela quand vida é próspera e feliz. Da mesma forma, se diz daquele que tem uma vida desast infeliz que nasceu sob uma má estrela. Daí a idéia da estrela significar uma situaç que a vontade do homem é anulada pelas forças do que se chama, comumente, de dest

AS DUAS FACES DA ESTRELA

A estrela, enquanto símbolo, nos lembra dois fatos. Num primeiro sentido, a e nos lembra a liberdade do homem e, num segundo sentido, ela nos lembra a vonta Deus. Como conciliar a liberdade do homem com a soberania de Deus? Essa ques colocada de um modo inspirador em Mateus 2. Para tanto, basta comparar entre versos 2 e 9. O verso 2 nos diz que os magos resolveram orientar-se pela estrela: "vi sua estrela e viemos adorá-lo". Haviam visto uma estrela e decidiram segui-la. Est certos de que a resolução fora deles. É a expressão de liberdade do ser humano.

No verso 9, entretanto, aparece o movimento da estrela. O texto descreve movimento, falando da estrela como "indo adiante deles". No original, "ir adiante" é expressão forte que significa "conduzir", "compelir seus seguidores". É a expressã vontade de Deus. Podemos assim dizer que toda estrela tem duas faces: uma inf voltada para a terra e visível a todos nós peregrinos pelos caminhos da vida. E o superior, voltada para o céu e só conhecida por Deus, como nos fala Isaías 55:8-9.

TAREFA

Leia João 6:38-40 e 8:32 e responda: De que forma a soberania de Deu a liberdade humana se encontram em Jesus, o Salvador?

A ESTRELA DE BELÉM

Um dia, surgiu no firmamento, uma estrela diferente. Era nova. Era mais brilh do que todas as estrelas que os seres humanos já tinham visto. Até então, não exi nada igual. Alguns estudiosos quiseram confundi-la com a passagem de algum comet fato é que aquela era uma estrela e uma estrela diferente. Ela apontava para a totalmente novo: surgia no firmamento a estrela de Davi, há muito anunciada p profetas. Cristo era a nova estrela que nascia em Belém. Desde então, todas as de estrelas perderam o seu brilho e poder. O brilho, o poder, a beleza, o fascínio da estrel Belém estão exatamente no fato de que ela une, de modo inseparável, as duas faces estrela: a vontade de Deus e a liberdade dos homens.

VIVENDO SOB A NOVA ESTRELA

Tudo o que dissemos até aqui foi para mostrar que os homens podem viver sob a força cega de outras estrelas ou sob a inspiração luminosa da estrela de Belém. Mas que significa viver sob a luz da nova estrela? Significa, entre outras coisas:

1. *discernimento*: uma das necessidades de nosso tempo atravessado pelas mais contraditárias ideologias e hierarquias de valores é a capacidade de discernimento. Biblicamente, discernimento é aquela sabedoria que faz com que não nos "fiemos em qualquer espírito, mas antes examinemos se os espíritos vêm de Deus" (I João 4:1). Precisamos saber discernir o verdadeiro do falso, o bem do mal, em cada situação ou conjuntura de tal forma que "sempre façamos o que agrada ao Pai" (Jo 8:29). Discernir é lançar um olhar lúcido sobre a vida, sem ilusões, detectando as ideologias deformadoras da realidade e escravizadoras do ser humano. Sem o espírito de discernimento, nós acabamos entrando nos esquemas deste mundo" (Romanos 12:2).

2. *ousadia*: ao mesmo tempo em que anunciamos a verdade que liberta, precisamos denunciar as ilusões humanas que escravizam. Em muitas passagens do Novo Testamento, se faz referência a essa luminosa virtude cristã que é um falar e atuar com valentia, com ousadia, com desassombro, nascidos não da coragem humana, mas da força de Deus (At 9:27-28; 14:19-26).

PARA MEDITAR
Leia Atos 14:19-26 e reflita sobre a aplicação do texto à sua vida.

3. *desfatalização*: em Cristo nós somos desafiados a "desfatalizar" a vida. Cristo veio "exorcizar" a vida de suas manifestações diabólicas. O fatalismo é uma maneira diabólica de manter a vida cativa e prisioneira. Assim, desfatalizar a vida é libertá-la de suas más estrelas. E como podemos fazer isso? De três modos, pelo menos:

3.1. *pela fé*: fé é exatamente o oposto de fatalismo e destino. Viver pela fé é afirmar nossa libertação de qualquer concepção fatalista de vida. Não se pode viver pela fé e crer na fatalidade ou destino. Ter fé é assumir uma atitude de radical abertura em direção a Deus. É crer em Deus. E crer em Deus é um modo de viver a vida como confiada, entregue, colocada totalmente em suas mãos (Mateus 6:25-34). Fé é abertura para Deus.

3.2. *pela esperança*: o pensamento moderno cunhou a expressão "princípio esperança" para designar as esperas, expectativas e esperanças (no plural) que habitam o ser humano e são responsáveis pelo dinamismo e transformação da história. A pessoa de fé vive do futuro absoluto, que é Deus. Ela encontra Deus nas esperanças concretas por uma vida mais humana, por uma habitação melhor, por uma sociedade mais fraterna e mais justa. A esperança, como a fé, "desfataliza" a vida. Isto é, ao contrário daqueles que

querem congelar a vida, dizendo que não há mais futuro para ela, a esperança, como de Deus, é a afirmação de que a vida vai além do horizonte mesquinho dos ho Esperança é abertura para o futuro de Deus.

3.3. *pelo amor*: a fé, a esperança e o amor não constituem a rigor três virtudes um princípio básico e único que se derrama em três direções. O ser humano não apenas abrir-se para Deus (fé) e confiar que pode participar da construção do seu pr projeto futuro (esperança), mas também entrar em contato com a realidade e estab uma relação (amor) com ela. Somos chamados a uma comunhão profunda com a vida é amor. Qualquer pessoa pode, com a graça de Deus, se aproximar de tudo e de to torná-los seus próximos. Nada no universo pode resistir à força do amor. Nele, passa, menos o amor. Amor é abertura para o outro.

CONCLUSÃO

Poderíamos levantar outros pontos importantes sobre a vida vivida à luz da es de Belém. Deixamos isso como exercício. No mais, entreguemos nosso caminho ao Se confiemos n'Ele e Ele nos fará caminhar em segurança sob a luz eterna da grande E d'Alva.

Perguntas para reflexão

1. Que significa discernimento espiritual? Como obtê-lo e desenvolvê-lo? Co a Escola Dominical pode nos ajudar nesta tarefa?

2. Como se pratica, no dia-a-dia, a ousadia cristã para viver em liberdade?

3. Debata com a classe formas concretas de realizar a "desfatalização" da vi

Lição 15

JOVENS NUM MUNDO VIOLENTO

OBJETIVOS:

1. O cristão deve ser "sal da terra" e "luz do mundo". Para que isso ocorra, é preciso começar pelo reconhecimento de que estamos no mundo, ainda que não sejamos do mundo.
2. Afirmar que o ideal cristão é a justiça e a paz. Em outras palavras, despertar o cristão para o fato de que ele não pode se conformar com o mundo violento no qual está colocado.
3. Examinar um caso bem concreto em que a violência se apresenta e a posição do cristão diante dele.

INTRODUÇÃO

Como cristãos, vivemos dentro do mundo, embora não devamos compartilh maldades do mundo (Jo 17:15). Esse "viver no mundo" mas "sem estar no mundo" freqüentemente os cristãos a fazerem das palavras de Isaías as suas palavras: "Viver meio de um povo impuro..." (Is 6:5). Ao cristão é impossível fugir dessa realidade, negar substancialmente a sua fé. Não podemos nos refugiar entre quatro paredes, faziam os monges, para podermos exercitar a nossa fé. Que lições podemos tir episódio da transfiguração? Num momento de dificuldades no vale (Mat 17:1-17), discípulos estavam preferindo o êxtase da experiência espiritual no monte. A eles aponta o caminho do serviço e do testemunho com poder.

Jesus continua, através de seus discípulos e de seu Espírito, a peregrinar den mundo. Os seus passos não se detêm diante de qualquer tipo de ambiente, mesm violento.

VIVER EM PAZ E COM JUSTÇA

Se a violência acompanha o ser humano desde os tempos mais antigos, o m pode ser dito dos sonhos de paz e de justiça. Podemos perceber isso através de uma le do Antigo Testamento. Naquele tempo, já existia no coração do ser humano um so despertado e acalentado pelos profetas, de um mundo novo, diferente, onde, ao inv bota e das vestes manchadas de sangue do guerreiro, haveria paz, representada en príncipe (Is 9:5-6).

TAREFA

Debata, com a classe, o sentido de Isaías 9:5-6 para o uso do poder polici militar em nosso país manchado pela violência urbana cotidiana.

Esse sonho de paz, amor e justiça foi aperfeiçoado nos tempo de exílio. Nas vis de Isaías, essa expectativa adquire um nome - "Servo do Senhor" (Is 53), e ele ser objeto da violência, mas não praticaria nenhum ato de violência. Da crença em Deus c servo brotou a fé de que "nunca mais" se ouviria falar de violência (Is 60:18).

Os cristãos são os herdeiros de todas essas esperanças. Por isso o vidente de Pat olhou e viu "um novo céu e uma nova terra" e ouviu uma voz que dizia: "Eis que f novas todas as coisas" (Ap 21:1). Os cristãos, por esse motivo, estão comprometidos c essa promessa de Deus e vivem dependentes dessa mensagem de vida e de perdão 18:23), embora vivam no meio "de uma geração corrupta e perversa" (Fl 2:15).

A pregação dessas notícias boas e agradáveis às vezes atrai pessoas que pen realizar essas esperanças através da força e da violência (Zc 4:6). Assim foi com Jesus. foi tentado pelos zelotas, que pensavam poder destruir o império romano com s espadas. A Pedro, Jesus disse: "Embainha a tua espada, pois todos os que lançam mão

espada, da espada perecerão" (Mt 26:52), alerta válido ao mesmo tempo aos guerrilheiros zelotas.

Havia por outro lado a tentação dos favoráveis à dominação romana. Eles queriam cooptar Jesus para o lado deles. Contudo, o comportamento de Jesus, usando de violência no manejo do chicote nas portas do templo de Jerusalém e endereçando aos escribas e fariseus suas palavras violentas, tem servido a muitos como desculpas para a prática de "violências em nome do amor". Por esse motivo, o tema da violência nos leva hoje, como jovens cristãos, ao debate e à reflexão.

Discutir a violência que nos envolve está na ordem do dia. Fala-se sobre isso em todas as rodas de conversas, nos jornais, na televisão e no rádio. Como jovens cristãos, somos convocados a responder perguntas sobre este assunto. Temos de apresentar respostas, sem ao menos poder contar com uma resposta já pronta e acabada. Como o tema da violência é muito amplo e os exemplos de violência se sucedem de maneira vertiginosa, iremos abordar somente um dos temas possíveis, deixando ao aluno o enriquecimento da aula com tantos outros temas e exemplos possíveis.

PARA MEDITAR

Vemos, na TV, diariamente cenas violentas - em noticiários, novelas, desenhos animados e filmes. Que efeito isso produz na mente do jovem - cristão, ou não?

UM TEMA EXPLOSIVO: A PENA DE MORTE

A questão da pena de morte é um tema ligado bem de perto à questão da violência. No Brasil, está na moda clamar pela aplicação da pena de morte. Pessoas que têm a facilidade de influenciar setores da sociedade reiteram que "os fins justificam os meios", isto é, para resolver o problema da violência que acontece nas ruas, é preciso liquidar os criminosos. Há uma verdadeira psicose, isto é, um mal-estar público muito grande. O que fazer para solucionar esse grave problema público?

Os cristãos, em sua maioria, têm se posicionado contra a pena de morte. Não somente em obediência ao mandamento "não matarás" como também pelos seguintes motivos:

1. a pena de morte, onde tem sido aplicda, tem se mostrado inútil na solução do problema. Apesar da eliminação dos criminosos, a violência tem aumentado;

2. a pena de morte é imoral, porque ela traz em si a crença de que a sociedade é mais pura e perfeita do que o criminoso, o que não é verdade;

3. ela é também condenada por ser irrecorrível. No caso de ser aplicada, não tem mais a quem se recorrer. Imaginemos o que iria acontecer entre nós, quando há muitos casos relatados de erros judiciais!

4. condena-se a pena de morte também por ser ela desnecessária. Há hoje condições de recuperação de prisioneiros, usando-se para isso todas as conquistas modernas da psicologia;

5. a pena de morte é pessimista, pois não deixa margem à possibilidade conversão do criminoso. Há algum criminoso tão cruel que não possa ser atingido evangelho? O que dizer do criminoso chamado Saulo de Tarso, caso tivesse sido pre executado por seus crimes?

6. finalmente, muitos cristãos são contra a aplicação da pena de morte, pois jul ser o direito de vida e de morte algo reservado apenas a Deus, o único Senhor da vida Ele compete a vingança (Rm 12:19; Hb 10:30).

CONCLUSÃO

Há anos, a nossa pátria vive uma situação de crise institucionalizada. A cr econômica aumentou o número de crimes. A violência está solta nas ruas e sem perspe de solução a curto prazo.

Vivemos num meio de pessoas descrentes na capacidade humana. Que desafios isso traz à nossa fé cristã ? Que mensagem Deus está colocando no coração de sua Ig neste momento em que vivemos ?

O cristão é, nessa situação toda, alguém que não se desespera. A sua esperan colocada em Deus, e dEle espera soluções (Sl 37:14-17). Mas, ao lado disso, o cristão cruza os braços. Ele coopera também, trabalhando para a superação desse momento cristão acredita que na "paz da cidade está também a sua paz" (Jr 29:7), embora ele sinta um peregrino em busca da cidade perfeita (Hb 11:13-16).

Perguntas para reflexão

1. Que contribuição os cânticos religiosos de índole guerreira dão ao aume da violência em nosso tempo? Justifique a sua resposta.

2. Que tipo de violência é mais comum em seu bairro, ou cidade? Que voc sua igreja podem fazer para enfrentar esse problema com justiça e paz?

3. Existe violência no seio das famílias evangélicas? Como lidar com e problema?

Lição 16

SUPORTANDO UNS AOS OUTROS

OBJETIVOS:

1. Explorar uma orientação bíblica de extrema importância para o relacionamento inter-pessoal: a tolerância. Na maioria das vezes temos o "estopim curto" e explodimos diante de certas pessoas ou, ainda, reagimos negativamente ao marginalizarmos as pessoas que "não suportamos".

2. Descobrir que a tolerância é fruto do amor e do serviço. Quem não deseja amar e servir encontra sérias dificuldades para suportar os "outros". Muitas vezes invertemos as prioridades: não desejamos servir mas, ao contrário, vivemos em busca do poder divorciado do amor. O ser humano busca o poder e deseja que as pessoas que estão ao seu redor o sirvam, simplesmente porque ele tem poder.

INTRODUÇÃO

Se pudéssemos encontrar uma palavra que resumisse a atual situação reinan[te no] mundo, esse termo seria *intolerância*. Ela está presente em todas as esferas da [vida] humana. Os mais jovens têm experimentado na própria carne os efeitos da intolerânci[a dos] mais idosos. Pelo menos essa é uma reclamação que temos encontrado constantemen[te na] palavra de nossos jovens. Mas será que os jovens também não são, às vezes, intole[rantes] para com os mais idosos?

A lição de hoje pretende estimular você a refletir biblicamente sobre esse autê[ntico] ministério que devemos todos, velhos e jovens, praticar na comunidade cristã, ou se[ja, o] ministério de "suportar uns aos outros".

TOLERÂNCIA - O QUE É?

Os dicionários dizem que tolerar é a capacidade de "admitir modos de pensar, de [agir] e de sentir que diferem das de um indivíduo ou de grupos determinados" (Aur[élio]). Tolerante é a pessoa que desculpa, é a indulgente, a benigna, que admite ou res[peita] opiniões contrárias às suas. Esta palavra vem do latim, onde tolerar era o mesmo [que] suportar. O ministério de suportar é, portanto, o ministério da tolerância.

UM SONHO ANTIGO

Viver numa sociedade onde haja respeito pelas posições divergentes é um an[tigo] sonho da humanidade. Mas a história humana tem sido uma história de intolerância[,] conflitos que têm terminado, vez por outra, em verdadeiros banhos de sangue.

> **PARA MEDITAR**
>
> Reflita sobre a motivação de Caim no assassinato de Abel (Gn 4:1-16). O que [a] história bíblica nos ensina sobre a vida em família e sociedade?

Nas primeiras páginas da Bíblia já encontramos o início dessa história viole[nta]. Caim não suportou o fato de que o sacrifício de seu irmão, Abel, foi aceito por Deus [e o] matou (Genesis 4:1-16). A intolerância nasce com o orgulho e com o egoísmo. [O] intolerante é via de regra, um irresponsável. Caim ao ser chamado por Deus não admit[e] sua culpa e diz: "sou porventura guarda do meu irmão?" (Gn 4:9). O que não ama, [não] tolera, é comprometido apenas com seus interesses pessoais e ideais, não lhe interess[a o] seu semelhante. O intolerante, seja religioso ou político, é sempre alguém extremam[ente] vaidoso e orgulhoso.

Registrar a história humana, desde a queda, é escrever a história das guerras, das violências. Tiago perguntava: "de onde procedem as guerras e contendas que há entre vós?" E respondia com a sua autoridade, apontando para o pecado, que não reside apenas no interior do corpo de cada um, mas se corporifica através da maledicência, das riquezas mal adquiridas e mal empregadas, havendo necessidade de que o cristão aprenda a ser "paciente até a vinda do Senhor". Então ele aponta para a paciência operante e viva dos profetas. Eles não cruzaram os braços, mas sofreram e mesmo assim falavam em nome do Senhor (Tiago 4:1; 5:7).

VIVER EM AMOR...

A vocação para a intolerância, infelizmente, sempre existiu na história da Igreja Cristã. Escrevendo aos cristãos de Corinto, Paulo enaltecia o amor dizendo: "o amor tudo suporta" (I Co 13:7). Mas que tipo de igreja era Corinto? Uma rápida leitura de I Co 1:10-16 poderá nos indicar que era uma igreja dividida entre grupos e facções. O único caminho para um ministério de reconciliação seria a prática do "caminho mais excelente ainda", o amor (I Co 12:13).

Um dos motivos que tem levado inúmeras comunidades a divisões é *a busca do poder divorciado do amor*. Lucas registra um fato curioso mostrando que a disputa pelo poder estava presente no interior do colégio apostólico! A disputa pelo poder leva inevitavelmente ao dogmatismo. O que está no poder diz ser o dono da verdade e quer dominar os outros a quem, no desenrolar da luta, atribui-se espírito de heresia. "E suscitou-se entre eles uma questão, a saber qual deles seria o maior" (Lucas 9:46).

TAREFA

Leia Lucas 9:46-48 e debata com a classe: que atitude é capaz de superar a intolerância entre irmãos na fé?

Vale relembrar mais uma vez Paulo: "não foi assim que aprendeste a Cristo" (Ef 4:20). "Acima de tudo isto esteja o amor que é o vínculo da perfeição" (Cl 3:14). Será, ainda segundo Paulo, o amor que determinará os limites da liberdade, "sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor" (Gl 5:13). O cristão, por causa do amor que tem pelo seu irmão, "engole em seco" ou "leva alguns desaforos para casa". No que depender dele, ele tem paz com todos os seus semelhantes (Rm 12:18).

O amor transforma a vida da igreja local !

"...SUPORTANDO UNS AOS OUTROS"

A ordem de "suportar uns aos outros" é dirigida unicamente ao cristão. Somente ele, por causa do amor, está apto a "levar as cargas uns dos outros" (Gl 6:2). O não-cristão,

ou o falso religioso (Lucas 10:31-32), passam de largo, dão as costas aos qu
aborrecem, quando não, procuram destruí-los. Podem até, eventualmente, "suportar"
tão logo cessem os interesses, uma vez atingido seus objetivos, ele os despreza. São "ca
fora do baralho", isto é, não mais lhe interessa suportá-los!

Suportar aos outros é fruto do amor. Uma correta compreensão da profundida
amor de Deus leva o homem a uma vida de compreensão e de perdão. Quando entend
que Deus nos *suporta*, apesar de nossas falhas; que Ele é *tolerante e benigno*, a des
de nossa rebelião, que é *misericordioso*, pois nos envolve com o seu amor, então est
em condições de aprender a lição do perdão.

A tendência natural para a intolerância dos discípulos só a muito custo foi ven
por Jesus. Numa ocasião, quando os samaritanos não quiseram receber a Jesus,
discípulos pensaram em fazer descer fogo do céu. Numa outra oportunidade reclam
das pessoas que não andavam com Jesus e estavam fazendo milagres. Jesus lhes ens
tolerância e a caridade (Mc 9:38-41; Lc 9:51-56).

OS LIMITES DA TOLERÂNCIA

A título de conclusão perguntamos, até onde vai o limite do perdão, da toleråan
da compreensão? Toda tolerância é biblicamente recomendada? É claro que estabel
limites neste assunto é muito perigoso. Por isso a vida do cristão é difícil. O pró
Cristo em certo momento lançou mão do chicote. Os profetas do Antigo Testamento er
intolerantes para com as injustiças e a infidelidade a Deus. A intransigência de Jo
Batista lhe custou a cabeça. Mas uma é a intolerância para com o pecado e outra, a q
nasce do ódio, do ressentimento. Agostinho gostava de citar a frase: "ame a Deus e faç
que quiser".

Muitos dos nossos relacionamentos estão enfermos por causa da intolerância
alguns. Mais do que nunca precisamos de amor e ele se fará presente em nossas vid
medida que o busquemos na fonte de todo o amor - Jesus Cristo.

Perguntas para reflexão

1. Como a intolerância pode afetar o crescimento espiritual do indivíduo e
igreja local?

2. Em questões de doutrina e experiência espiritual, tendemos a s
intolerantes. Você concorda com esta afirmação? Na experiência de sua igr
isto acontece? Como superar?

Lição 17

ANGÚSTIA - UM POUCO DE CADA UM DE NÓS

OBJETIVOS:

1. Analisar a questão da angústia e suas implicações na vida dos jovens.

2. Aprender a enfrentar as situações difíceis, complexas e inevitáveis da vida sem perder o bom senso e cair nas ciladas da angústia.

INTRODUÇÃO

A vida do ser humano divide-se em várias fases: infância, adolescência, moci[illegible] etc. Em cada um desses períodos, o ser humano apresenta um comportamento especí[illegible] Na verdade, nós esperamos um tipo de comportamento em cada época da vida d[illegible] humano. E estranhamos quando o comportamento não corresponde à fase vivida [illegible] indivíduo.

Vamos a um exemplo: uma criança gosta muito de brincar e se divertir. A cri[illegible] pelo seu comportamento, alegra qualquer ambiente. Na verdade, ela tem dificulda[illegible] ficar quieta por muito tempo, concentrada em qualquer tipo de atividade mais séria. [illegible] esse é o comportamento que se espera de qualquer criança. Quando uma criança n[illegible] comporta dessa maneira, nós estranhamos muito. Imediatamente, ficamos preocup[illegible] Talvez a criança esteja doente ou com algum problema muito grande.

Muita gente pensa que o jovem não tem problemas ou não sente na pele as do[illegible] angústia. Para muitos, a juventude se caracteriza pela alegria e pela falta de preocup[illegible] Daí pensarem que a angústia seja algo que só apareça numa fase posterior da vida.

FATIANDO O BOLO

Antes de mais nada, é preciso dizer que a angústia é um dos ingredientes de um b[illegible] Os outros ingredientes são: a agressão, o fracasso e a frustração. Isso quer dizer q[illegible] angústia nunca vem sozinha. A angústia forma um bolo em nossa vida juntamente co[illegible] outros ingredientes.

Na verdade, a angústia participa de um círculo vicioso. Isto é, de vez em qua[illegible] enfrentamos uma derrota em nossa vida. Planejamos alguma coisa, queremos aquela co[illegible] trabalhamos para conseguir determinado objetivo e, quando tudo parece certo, nada do [illegible] esperávamos acontece. É aí então que surge a frustração.

PARA MEDITAR

Como podemos saber se os nossos objetivos de vida são realmente os melhores? Até q[illegible] ponto ficamos frustrados por razões inadequadas para um cristão?

É exatamente nesse ambiente que aparece a angústia. Na angústia, sentimo-[illegible] impotentes, incapazes, inferiores, incompetentes e fracos. Além disso, sentimos q[illegible] também os outros nos consideram impotentes, incapazes, inferiores e incompetentes. [illegible] partir daí, reunimos todas as possibilidades de fracassarmos novamente em outros plano[illegible] em novos projetos. E novos fracassos aumentam a frustração, que aumenta a angústia, [illegible] aumenta a possibilidade de mais fracassos.

A angústia forma um círculo vicioso. E esse círculo vicioso, se não for quebra[illegible] torna-se uma bola de neve, que nos esmaga e nos oprime. Todavia, como quebrar e[illegible] círculo vicioso? Como vencer a angústia ?

Ora, é preciso que compreendamos os nossos fracassos. É preciso que assumamos nossos erros. Ao mesmo tempo, é preciso que evitemos que os nossos fracassos e frustrações nos façam sentir que somos inferiores.

Os fracassos e frustrações são inevitáveis. Ninguém é perfeito e necessitamos assumi-los como parte da nossa vida. Somente assim evitaremos que a angústia nos domine e provoque novos fracassos e novas frustrações.

A ANGÚSTIA DE UM HOMEM

Na narrativa da vida de Jacó (Gênesis 27-33), encontramos um belo exemplo do que estamos falando.

Jacó era o filho caçula de Isaque e Raquel. De acordo com os costumes da época, o filho primogênito tinha privilégios que os outros filhos não possuíam.

Sendo o segundo filho, Jacó não receberia os privilégios da primogenitura. Tais privilégios pertenciam a seu irmão Esaú. Todavia, com a colaboração de sua mãe, Jacó explorou seu irmão e enganou seu pai, recebendo a bênção que não lhe pertencia.

Após ter cometido tal ato, Jacó teve de fugir. Foi morar com o seu tio, Labão, casou-se e chegou até a progredir na vida. Depois de muito tempo, chegou a hora de voltar para casa. Era a hora de reencontrar o irmão Esaú, que prometera matá-lo.

TAREFA

Leia Gênesis 32:3-21 e discuta, com a classe, os acertos e erros da tentativa de reconciliação de Jacó com seu irmão.

Foi justamente quando voltava para casa que Jacó sentiu medo do seu irmão. Foi justamente quando sentiu medo que Jacó começou a angustiar-se.

Vemos claramente que Jacó não sentiu angústia à toa. Jacó não sentiu somente angústia. Enganara seu irmão, fugira do seu irmão, sentira medo do seu irmão e começara a angustiar-se.

O seu projeto era o de voltar para a sua terra. O seu plano era o de reconciliar-se com o seu irmão. Mas Jacó tinha medo de fracassar. Jacó não sentia segurança a respeito do sucesso de seu plano. Daí, então, sua angústia.

A NOSSA ANGÚSTIA

O que podemos aprender, com essa história, sobre as nossa angústias?

Todos nós somos bombardeados a todo instante por mensagens que apregoam a necessidade de sucesso. Você já notou que as propagandas de televisão quase sempre apresentam jovens? Já percebeu como elas transmitem a idéia de que os jovens devem ser sempre bem sucedidos?

Essas mensagens nos atingem e, sem que o percebamos, passam a nos dominar. Aí, então, passamos a viver preocupados com o sucesso. Sentimos que não podemos fracassar.

Precisamos ter uma boa profissão. Precisamos conquistar um bom emprego. Preci ganhar um bom salário. Precisamos causar uma boa impressão nas pessoas d oposto. E assim por diante.

Todavia, sempre existe uma grande distância entre os nossos sonhos e a realidade. Por isso, existe tanta frustração e, conseqüentemente, tanta angústia.

O mesmo fenômeno repete-se em nossa vida religiosa. Muitas vezes, aprendem nossas Igrejas que Deus é somente justiceiro e vingativo. Ficamos com a imagem d Deus que tem um grande livro diante de si para anotar todos os nossos pecados e depois, nos castigar. Com tal imagem de Deus, passamos a não admitir erros em vida. Julgamos que não podemos falhar em nenhum instante.

A própria vida do cristão em sociedade acaba contribuindo para que essa situa amplie. Imaginamos um ideal inatingível de vida espiritual. Os outros passam a cob nós um comportamento irrepreensível porque somos cristãos. Todavia, os erros acon em nossa vida. Daí, podemos ficar frustrados. Não correspondemos às expectativa achamos que Deus e os outros tinham a nosso respeito. Não correspondemos às n próprias expectativas.

É assim que ocorre, então, a angústia do jovem cristão.

CONCLUSÃO: O QUE FAZER?

Há alguma saída ?

É lógico que não existe um remédio mágico para a angústia. Mas alguma coisa p ser feita. Por exemplo:

1. precisamos aprender a ser profundamente críticos em relação aos valores q meios de comunicação querem colocar dentro de nós. Não podemos aceitar tudo o que nos dizem. Não podemos deixar que eles nos manipulem.

2. precisamos aprender a conhecer mais profundamente a Deus e Pai de N Senhor Jesus Cristo. Ele é o Deus que enviou seu Filho ao mundo para a n justificação gratuita mediante a fé. E a certeza da justificação pela fé deve ser uma f para a eliminação de nossa angústia.

Perguntas para reflexão

1. Quais são os principais valores transmitidos pelos meios de comunicação massa? Avalie-os à luz da Palavra de Deus, e discuta, com a classe, so como não ser capturado por esses falsos valroes.

2. Debata, à luz de Romanos 5:1-11, o sentido prático da justificação pela fé, que tange à angústia e sua solução.

Lição 18

CRISTO E O SOFRIMENTO HUMANO

OBJETIVOS:

1. Procurar, através do ensino dos Evangelhos, respostas a perguntas tais como: por que sofremos? existe algum sentido para a dor e a morte? por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?

2. Mostrar que o próprio Jesus, mesmo sendo Filho de Deus, caminhou pela trilha do sofrimento e, a partir dele, nos trouxe a reconciliação. O sofrimento, portanto, ainda que provoque uma série de conflitos internos e externos traz uma grande e inabalável certeza: Jesus caminha conosco, proporcionando o alívio necessário diante das complicações da vida.

INTRODUÇÃO

A grande pergunta dos cristãos sobre o sofrimento é exatamente a seguinte: "s cristãos poupados?" E outras perguntas poderiam acompanhar essa primeira: po sofremos? existe algum sentido para a dor e a morte? por que coisas ruins aconte pessoas boas?

Muitas pessoas afirmam que deixaram de ter problemas de sofrimento desde q tornaram cristãs. Também muitas desiludiram-se com Jesus Cristo porque, ao ten segui-lo, só viram suas dificuldades aumentarem.

Como pode existir semelhante confusão entre os cristãos? O que a Palavra de nos fala a respeito desse problema que tão de perto nos acompanha?

JESUS CRISTO E O SOFRIMENTO

A primeira coisa que devemos afirmar é que Jesus Cristo conviveu intensam com o sofrimento.

O nosso hábito mais comum é o de associarmos o sofrimento de J exclusivamente à sua morte na cruz. Os nosso hinos, por exemplo, chamam mu atenção para as dores que envolveram o nosso Senhor no momento final da sua vida fronte ensanguentada/em tanto opróbrio e dor/de espinhos coroada/com ódio e com fu SH 108 - "Por vós foi Jesus com cruel zombaria/vestido, por homens, do m real/espinhos, insultos, atroz gritaria/sem queixa sofreu do furor desleal" SH 111.

Precisamos, contudo, aplicar e aprofundar nossa visão do sofrimento de Jesus. J sofreu não só na hora da morte e não só por causa da cruz. Jesus sofreu porque era D encarnado na pessoa de um judeu (e os judeus eram um povo sofredor e oprimido). J sofreu porque "passou pela vida sentindo compaixão de todos" (Mt 9:35-38, 14:14-1 também sentiu o amargor das lágrimas diante da desgraça dos amigos (Jo 11:32-36).

PARA MEDITAR

Leia os textos de Mateus, acima indicados, e medite sobre o significado da compaixão Jesus - para a sua vida pessoal e para a vida da Igreja no mundo.

Em segundo lugar, descobrimos, nos Evangelhos, a recusa de Jesus em concor com algumas respostas dadas pelo povo ao problema do sofrimento. Destaco um exem nesse sentido:

Jesus não aceitou a idéia de que as enfermidades ou sofrimentos físicos represen punições de Deus por causa de determinados pecados. Isso fica bem claro na história cego de nascença, sobre o qual perguntaram-lhe os discípulos: "Mestre, quem pecou, e ou seus pais, para que nascesse cego?" A resposta de Jesus foi: "Nem este, nem seus pa mas foi para que se manifestem as obras de Deus" (João 9).

Em terceiro lugar, somos obrigados a reconhecer que Jesus não deu uma explicação final a respeito do sofrimento. Na verdade, Jesus fez muito mais do que simplesmente explicar o sofrimento. Ele mostrou como devemos enfrentar o sofrimento e colocou-se ao nosso lado no sofrimento.

Tudo isso tem uma importância enorme para todos nós! Se Jesus nos oferecesse uma explicação sobre o sofrimento, seria ela mais uma teoria entre tantas outras e seria Ele mais um filósofo entre tantos outros. Poderíamos, então, conhecer a explicação cristã do sofrimento, mas não saberíamos o que fazer diante dele.

Por isso, o que temos em Jesus é algo bem diferente e bem superior. Não uma explicação do sofrimento, mas uma forma para enfrentá -lo. Não uma teoria fria, mas uma companhia no sofrimento.

Os evangelhos mostram que Jesus enfrentou o sofrimento como forma de se chegar à reconciliação com Deus e como forma de propiciar aos outros a redenção (Mt 8:16-17). E os textos do Novo Testamento nos alegram com a mensagem de que, enfrentando o sofrimento, Jesus está ao nosso lado e é capaz de nos compreender (Hebreus 4:14-16).

O CRISTÃO E O SOFRIMENTO

A partir de Jesus, nós temos novos recursos para encarar o sofrimento.

Devemos, antes de tudo, abandonar a idéia de que o cristão está livre de qualquer sofrimento. E devemos, em segundo lugar, fazer do nosso sofrimento uma participação nos sofrimentos de Jesus (Gl 2:19-20). Era exatamente isto o que fazia o apóstolo Paulo que se comprazia "nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo" (II Co 12:10).

TAREFA

Leia II Coríntios 1:3-11 e debata, com a classe, sobre o valor do sofrimento na realização da missão da Igreja.

Evidentemente, isto não quer dizer que devemos sublimar o sofrimento. Isto é, não devemos ficar conformados com o sofrimento dizendo que receberemos recompensas, no céu, como forma de compensação por ele. Fazer isto seria adotar uma atitude passiva diante do sofrimento, que não foi a atitude de Jesus.

A nossa participação nos sofrimentos de Jesus deve ser usada exatamente para promover o Reino de Deus entre os homens. Foi o que Jesus fez. Ele desejou evitar a cruz. Ele orou a Deus para que o "cálice passasse sem que fosse bebido". O cálice, no entanto, não passou. Jesus o bebeu completamente. Mas foi o sofrimento de Jeus que garantiu a vitória sobre o sofrimento humano. O mesmo deve ocorrer com os cristãos. Não devemos considerar o sofrimento como bom em si mesmo. Mas precisamos enfrentá-lo e fazer com que dos sofrimentos, com a ajuda de Deus, coisas boas sejam extraídas.

Além disso, há muitas pessoas que sofrem por razões imerecidas. A fom
mortalidade infantil, a violência urbana, são exemplos de sofrimento desneces
Sofrimento que poderia ser evitado mediante a ação solidária e amorosa dos cristãos.
imitação de Jesus Cristo, assumir as dores dos que sofrem é fundamental para
aprendamos a enfrentar e vencer o sofrimento - tanto na vida dos outros, como em n
própria vida.

CONCLUSÃO

Alguém já observou que vivemos numa época em que o desenvolvimento científi
tecnológico tem possibilitado o fim de certas dores e sofrimentos. Por outro lado, esta
tendo a possibilidade de viver cada vez com maior dose de conforto e comodidade.

Tudo isso tem estimulado uma atitude de fuga ao sofrimento. Cada pessoa luta, c
todas as suas forças, para ter tudo aquilo que possa oferecer a máxima tranqüilida
garantir a maior distância do sofrimento.

Nossa atitude deve ser outra. Precisamos aprender a enfrentar o sofrimento p
promover a vitória sobre o sofrimento. A nível pessoal, podemos superar o sofrimento c
a certeza da bondade de Deus e sua vontade; reconhecendo que toda e qualquer d
limitada, e incapaz de superar o amor de Deus por nós. A nível social, enfrentamo
sofrimento com a prática da bondade (solidariedade) cristã - fruto do Espírito Santo.

Perguntas para reflexão

1. O sofrimento sempre deve ser evitado, e a qualquer custo? Por quê?
2. Que relação existe entre o medo, o egoísmo e a fuga do sofrimento?
3. Como identificar os sofrimentos "missionários" e os sofrimentos advindos d
decisões ou atos errados de nossa parte?